

INFERNO 70

Quem ainda está do lado de quem?

Orlando Rodrigues

Adaptado de um roteiro cinematográfico de
Luiz Cesar Rangel.

2025 – Brasil.

Orlando Rodrigues



Quem ainda está do lado de quem?

**Adaptado de um roteiro cinematográfico de
Luiz Cesar Rangel**

Direitos autorais © 2025

Orlando Barbosa Rodrigues

Todos os direitos reservados.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito do autor.

*Dedico este livro a todas as famílias das pessoas
desaparecidas em regimes ditatoriais, sejam de
direita ou de esquerda. Ditadura nunca mais!*

INFERNO 70

Prefácio

Escrever Inferno 70 foi como caminhar por uma estrada poeirenta, ladeada por ruínas da memória nacional. Este livro nasce da livre adaptação de um poderoso roteiro cinematográfico escrito por Luiz Cesar Rangel, cineasta de rara sensibilidade narrativa e de profunda inquietação ética. Foi a partir das imagens que ele concebeu - duras, quase brutais - que decidi mergulhar nesta história e trazê-la para o universo da literatura, onde o silêncio pode falar mais alto que o grito e onde cada gesto guarda uma intenção. Inferno 70 não é apenas uma ficção sobre um assalto ou sobre a luta armada.

É, sobretudo, um retrato psicológico de um país em transe, embriagado pelo ufanismo de uma seleção de futebol vitoriosa enquanto se afundava, lentamente, nas trevas de um regime autoritário.

O que me atraiu, desde o primeiro momento, foi a tensão entre o espetáculo e a repressão, entre a euforia das ruas e a dor que se escondia nas entrelinhas da vida cotidiana. Foi nesse contraste que vi a alma do Brasil

daquela década, dividida, estilhaçada, suspensão entre o sonho e o delírio.

Na adaptação do roteiro de Luiz Cesar, preservei sua essência dramática e visual, sobretudo nos diálogos carregados de drama e dor, mas fui em busca da densidade subjetiva dos personagens, seus conflitos internos, suas dúvidas, seus desejos ocultos.

Neste romance, não há heróis intocáveis nem vilões unidimensionais. Todos os personagens - militantes, traidores, inocentes, agentes da repressão - são movidos por uma combustão interna que ora se confunde com idealismo, ora com medo, ambição ou desespero.

Esse foi o meu compromisso: escavar a humanidade por trás da história. Muitos poderão perguntar se este é um livro político. E eu respondo: É um livro sobre o que a política faz com as pessoas e com seus corpos, suas convicções, suas relações.

É um livro sobre a opressão de se escolher um lado. Sobre o que sobra quando tudo o que se tinha era apenas uma ideia.

Agradeço profundamente a Luiz Cesar Rangel pela confiança ao permitir que seu roteiro original ganhasse novas camadas no formato de romance.

A ele, meu respeito e admiração. E a você, leitor, que agora abre estas páginas: entre devagar. Há tiros, sim. Há; traições e sangue. Mas há, também, poesia, silêncio e gente tentando sobreviver - ou apenas entender o mundo que se desmancha diante de seus olhos.

Boa leitura.

Orlando Rodrigues

Maio de 2025

Capítulo 1

Dia de copa.

O sol do fim de tarde lançava um brilho dourado sobre a fachada de uma agência bancária, que se destacava com seus tijolos desgastados e a discreta placa metálica gravada com o nome da instituição. Pessoas caminhavam pela calçada, algumas com sacolas de compras, outras trocando palavras leves, típicas da rotina interiorana. Uma brisa suave balançava as folhas das árvores alinhadas nas ruas, criando um som que parecia quase uma melodia natural. Havia um certo clima de histeria nas faces daquelas pessoas simples e pacatas, quase que falando sobre as mesmas coisas. Algumas paravam em frente a uma loja de eletrodomésticos, observando deslumbradas os aparelhos televisores exibindo imagens em preto e branco de propagandas de cigarros, bebidas e eletrodomésticos, enquanto aguardavam ansiosas, mais uma partida de futebol da

seleção brasileira, prestes a realizar mais um jogo da copa do mundo. O evento esportivo sediado no México parecia ocorrer no quintal da casa de qualquer brasileiro, com alguns jogos transmitidos ao vivo, via satélite, assim como ocorrera um ano antes, em 20 de julho de 1969 durante a missão Apollo 11, da NASA. O mundo inteiro havia acompanhado as imagens em preto e branco de Neil Armstrong pisando pela primeira vez o solo lunar, após descer do módulo lunar Eagle, seguido por Buzz Aldrin. A célebre frase de Armstrong dizendo “Este é um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade” ficou imortalizada e marcou para sempre a história das expedições espaciais em pleno período de guerra fria.

Sentado próximo ao meio-fio, do outro lado da rua, frente a uma praça, tradicional das pequenas cidades de interior, um homem cego ajeitava o violão no colo, seus dedos se movendo meticulosamente pelas cordas, buscavam a afinação perfeita. Seus cabelos grisalhos dançavam com o vento, e sua expressão era de profunda concentração. Cada nota que soava parecia se misturar ao ambiente, como se fosse uma extensão da cidade ao seu

redor. Alguns metros adiante, um vendedor de picolé manobrava seu carrinho decorado de um lado com as cores verde e amarelo e um adesivo alusivo à copa de 70, enquanto no outro o desenho estilizado de um foguete descendo na lua, enquanto um astronauta segurava um picolé. Um letreiro com a inscrição “Sorvetes Apolo 9” indicava a marca do produto.

Caminhando vagarosamente, empurrando seu carrinho, bradava pausadamente, em pequenos intervalos de tempo, a frase “Olha o picolé!”, enquanto ouvia, através de seu rádio portátil à pilha, um programa esportivo sobre os preparativos para mais uma partida de futebol do Brasil na copa do mundo, em busca de seu terceiro título, o tricampeonato mundial de futebol, intercalado por músicas ufanistas de apoio aos jogadores em que de repente, todos juntos, naquela corrente pra frente parecia que todo Brasil dava a mão, juntos, numa mesma emoção. Salve a seleção!

A presença dele não era ignorada, mas tampouco interrompia o fluxo da rua. Alguns passantes diminuía o passo, lançando olhares curiosos ou admirados. Uma criança, segurando a mão da mãe, parou por um

instante e ficou hipnotizada pelo som, até que foi puxada gentilmente para continuar, enquanto o pai já estava do outro lado da rua, vendo TV através da vitrine da loja, sonhando em poder comprar uma.

Para o homem cego, a música era mais que um ofício; era uma forma de se conectar com o mundo que ele não podia ver, mas podia sentir de maneira que poucos compreendiam. O leve sorriso no canto de seus lábios denunciava a familiaridade entre ele e seu instrumento, um companheiro em uma jornada de vida que ninguém ali conhecia em detalhes.

Quando ele finalmente tocou a primeira melodia completa, a música fluiu como se narrasse uma história, cada acorde impregnado de emoção. A rua, antes repleta de murmúrios e passos apressados, pareceu pausar por um instante, capturada pela magia daquele momento. Era como se, por alguns minutos, o ordinário tivesse dado lugar ao extraordinário, e a cidade inteira fosse convidada a escutar.

A TV na vitrine foi deixada de lado, o rádio do vendedor de picolé teve o volume abaixado, os vendedores da loja saíram à porta e fixaram o olhar no homem cego, dedilhando

seu violão e entoando uma cantiga murmurosa,
tocada e embolada, inédita ao ouvido de todos,
talvez composta ali naquele momento, talvez
até um pressentimento, frente aos
antagonismos da vida, suas dicotomias e
contradições. Desde o falante que não sabe
ouvir, àquele que vê, mas não enxerga, pois a
cegueira é além do ensaio que se escreve sobre
ela, tal qual a lucidez daqueles que são
considerados loucos pelos que ouvem, mas não
escutam e os que veem, mas não enxergam.

*A TV na vitrine calou de repente,
O rádio do sorveteiro ficou mais prudente,
O povo na porta parou pra escutar,
O cego cantava, fazia pensar!*

*Talvez foi na hora, talvez foi um sonho,
Cantava profundo, um verso risonho,
Mas tinha um lamento na voz murmurosa,
Que a vida é cruel, mas também é formosa!*

*Pois tem quem escuta, mas nunca entende,
Tem quem enxerga, mas nunca apreende,
Pois ver não é só o que os olhos capturam,
Lucidez às vezes os loucos seguram!*

*O mundo é um jogo de contradição,
É luz que ilumina, mas cega a visão,*

*Quem finge que sabe, não sente no peito,
E quem não enxerga, enxerga direito!*

*Vai, dedilha esse som no vento,
Que a vida é só um momento,
Se ouve, se sente, se aprende,
No canto que o cego entende!*

As pessoas riam, aplaudiam e acompanhavam com o bater de palmas a cadência da cantiga, entoada num ritmo de embolada, ou uma simples moda de viola, saindo da boca de um cego infeliz, podre na raiz, ah, ah.

Dentro da agência bancária, o único estabelecimento de operações financeiras da cidade o movimento era intenso, com pessoas impacientes nos balcões e filas, os operadores de caixa, contando grandes volumes de dinheiro. Clientes, cada qual à sua maneira, uns mais rápidos, outros mais lentos, contavam e recontavam as cédulas em papel, segurando um bolo de notas com uma das mãos, enquanto a outra exigia velocidade e firmeza do dedo polegar em passar nota por nota, às vezes, sendo necessário umedecer os dedos com os lábios ou a ponta da língua para facilitar o manuseio.

Os operadores de caixa e seus rostos sisudos, compenetrados na conferência da papelada, das anotações nos fichários das contas correntes de seus clientes, anotando, entradas e saídas conferindo assinaturas nos respectivos cartões de autógrafos recebiam os montes de dinheiro, duplicatas, notas promissórias, títulos diversos ou cheques que deveriam ser conferidos, contados, somados, os cheques carimbados, ordenados e marcados com a chancela do banco e, por fim, os documentos autenticados nas enormes máquinas registradoras dos caixas.

Os clientes, homens e mulheres de diferentes idades, mostravam-se impacientes, alguns olhando para o relógio de pulso ou tamborilando os dedos no balcão. Um senhor de terno amassado segurava um maço de dinheiro preso com um elástico, esperando para depositar. Uma dona de casa, com vestido floral e bolsa de couro, segurava um talão de cheques, ajustando os óculos para conferir números.

Ao fundo, um jovem estudante, de cabelo comprido e calça boca de sino, com as mãos nos bolsos, esperava para pagar uma conta da empresa em que trabalhava como

contínuo. Perto dele, um comerciante suado discutia com um atendente sobre um problema em sua conta.

Os funcionários, vestidos formalmente, lidavam com pilhas de papéis, carimbando documentos, furando papéis e arquivando em pastas Tipo A-Z, enquanto as máquinas de escrever tilintavam ao fundo, sincronizadas com o barulho do ábaco e das calculadoras mecânicas que se misturavam com o burburinho dos clientes.

O ar estava carregado de murmúrios, suspiros de cansaço e o som dos ventiladores tentando amenizar o calor. O gerente, um homem de terno escuro e bigode bem aparado, circulava pelo salão, acalmando clientes irritados e dando ordens nem sempre discretas aos funcionários.

Os gestos e expressões variavam entre a impaciência e a formalidade. Sorrisos cordiais para os conhecidos, comentários sobre a campanha da seleção brasileira na copa do mundo e olhares atentos para evitar erros, além de gestos ansiosos de alguns clientes temerosos de não serem atendidos, caso o banco fechasse mais cedo. Era dia de jogo do Brasil, uma quarta

feira e a partida seria transmitida ao vivo por volta das dezoito horas.

Em vários lares brasileiros a expectativa de mais uma vitória. A seleção canarinho entrou em campo tendo o maior jogador do mundo, o rei Pelé. A partida foi tensa e emocionante.

O estádio Jalisco, em Guadalajara, estava lotado, com a torcida vibrando a cada lance da Seleção Brasileira. Aos 19 minutos do primeiro tempo, Pelé recebeu a bola na entrada da área, ajeitou com categoria e chutou colocado no canto do goleiro romeno. A torcida explodiu. Minutos depois, ele quase fez outro de maneira espetacular: arriscou um chute de longa distância após perceber o goleiro adiantado. A bola passou raspando a trave.

Jairzinho, sempre veloz pela ponta direita, ampliou o placar após receber um passe açucarado de Tostão. A Romênia, no entanto, não se entregou facilmente e marcou duas vezes, deixando o jogo tenso até o apito final. Apesar disso, a vitória brasileira por 3x2 consolidou o time como um dos favoritos ao título, que seria conquistado dias depois.

O país estava em festa com as pessoas comemorando pelos bares, pelas ruas, bandeiras sendo agitadas e as músicas ufanistas sendo cantadas. O orgulho de ser brasileiro estava aflorado em milhões de corações.

Dias antes, porém, em 8 de junho, foi instituído o Decreto 1.077, assinado pelo então Presidente General Emílio Garrastazu Médici ampliando a censura à imprensa e restringindo ainda mais a liberdade de expressão. A política de "Brasil Grande" era reforçada pelo sucesso da seleção, e o governo explorava ao máximo as vitórias para exaltar o país, enquanto nos bastidores mantinha a repressão a críticos do regime.

A euforia do futebol ajudava a criar um sentimento de unidade nacional, mas, paralelamente, a resistência política continuava, com presos políticos sendo torturados e movimentos de oposição sendo duramente combatidos.

Capítulo 2

O assalto.

O homem cego caminha por um trecho de calçada estreita da pequena praça, carregando seu violão a tiracolo, na manhã nublada e fria de inverno seco, guiado por sua bengala esbranquiçada à mão, ponteando os trechos por onde passava, sentindo o chão em que pisava com seus passos cuidadosos, o som do ambiente e o toque firme da ponta da bengala nas irregularidades do caminho. Seu rosto carrega uma expressão serena, mas atenta.

O barulho distante de um carro e o murmúrio de algumas vozes ao redor lhe servem como um mapa invisível, ajudando-o a se orientar. Ele avança com determinação, confiando no tato, na audição e na memória para seguir adiante, adaptando-se aos desafios do caminho com a calma de quem aprendeu a enxergar o mundo de uma forma diferente. Como de hábito, senta-se próximo ao meio fio, em frente a praça, o ponto que adotara como sua referência, seu porto seguro.

O barulho de carro que parecia distante torna-se ainda mais perceptível à audição do

homem cego. Sua expressão serena dá lugar a uma sensação de algo novo e inusitado prestes a acontecer para alterar a calma do lugar. Há poucas pessoas na rua àquela hora da manhã. A ressaca da vitória do Brasil parecia ter contaminado as pessoas da pequena cidade.

O homem cego percebe quando um carro de motor potente estaciona há alguns metros de onde ele estava. Pega o violão a tiracolo, confere a afinação e executa uma parte de uma canção de Raul Seixas.

*Tá rebocado meu compadre
Como os donos do mundo piraram...*

Dentro de um carro, quatro jovens ocupam os assentos com uma mistura de tensão e adrenalina no ar. O veículo, de estofado gasto e painel repleto de mostradores analógicos, está estacionado na rua contígua à agência bancária, afastada do movimento principal.

Duas moças com seus vestidos de padronagem lisa e em cores claras, curtos e justos ao corpo e dois rapazes vestidos com terno e gravata dividem o espaço apertado. Um deles, no banco do motorista, mantém os olhos

fixos no retrovisor, observando a rua com inquietação. Os quatro estão de óculos escuros.

No banco do passageiro, uma das moças verifica uma pistola, respirando fundo, como se tentasse controlar os nervos. No banco de trás, os outros dois trocam olhares cúmplices, conferindo máscaras e discutindo os últimos detalhes do plano.

A tensão cresce conforme o momento se aproxima. O rádio toca uma música abafada, quase imperceptível diante da respiração pesada do grupo. Pelo ritmo é um rock and roll psicodélico de alguma banda inglesa. Lá fora, a vida segue normalmente, alheia ao que está prestes a acontecer.

O homem cego segue dedilhando alguns acordes e canta um novo verso.

*Eles já são carrascos e vítimas do próprio
mecanismo que criaram...*

Ele percebe que um novo veículo se aproxima e interrompe a execução da melodia. O segundo carro, também de motor potente estaciona logo atrás do primeiro e dele descem três jovens também de terno e gravata. Eles se juntam aos demais. Apenas os motoristas

permanecem no interior dos seus respectivos veículos, enquanto os jovens seguem na direção do homem cego, com destino à agência bancária. A tensão é grande, principalmente por parte dos motoristas. Um deles está ainda mais aflito, como se aguardasse por algo prestes a acontecer.

O homem cego sente a aproximação dos jovens como se tivesse o faro de mil cães. Respira fundo e engole seco uma saliva que desce raspando a garganta. Em seguida entoia nova frase da canção de Raul.

*A arapuca está armada e não adianta os de
fora protestar...*

Dentro da agência bancária um ar formal e levemente austero. O ambiente amplo, iluminado por grandes janelas deixam entrar a luz da manhã, projetando sombras suaves no piso quadriculado de mármore. O teto alto ostenta lustres circulares, e ventiladores giram preguiçosamente, movendo o ar quente. O cheiro de papel, tinta de carimbo e couro envelhecido dos móveis paira no ar.

O balcão principal, comprido e de madeira escura, separa os caixas dos clientes. Atrás dele, funcionários bem-vestidos ajustam fichários e conferem cédulas de dinheiro e talões de cheques. Algumas máquinas de escrever tilintam ao fundo, e um telefone preto de disco toca, sendo rapidamente atendido por uma secretária de óculos grossos.

Poucos clientes estão na agência àquela hora. Um senhor de terno e chapéu assina um cheque com calma, enquanto uma dona de casa conta notas dobradas na palma da mão. Um jovem de cabelos bem penteados aguarda na fila, tamborilando os dedos na perna, impaciente.

A calma e formalidade são interrompidas bruscamente. Os quatro jovens entram com passos decididos. O silêncio momentâneo é cortado pelo barulho das solas batendo no chão encerado. Em segundos, a tranquilidade da manhã se despedaça. Os assaltantes ameaçam e agredem clientes e funcionários do banco, deixando todos assustados.

Do lado de fora da agência o homem cego interrompe novamente sua cantiga ao perceber

a aproximação de mais um veículo, um carro tipo Veraneio com quatro homens que estaciona na esquina da agência bancária. Eles estão armados e observam a fachada do banco.

O motorista de um dos carros dos assaltantes percebe a Veraneio e seus ocupantes armados, abaixa sua cabeça, como se já esperasse por algo ruim acontecer e não demonstra nenhuma reação.

À saída da agência bancária, após efetuarem o assalto, os jovens dão de cara com a ação armada dos ocupantes da Veraneio. Há um intenso tiroteio.

O homem cego ouve os tiros, mas não consegue distinguir de onde eles partem. Acuado e sem ter como reagir entoia a canção novamente.

*Quando se quer entrar num buraco de rato,
de rato você tem de transar...*

O tiroteio se intensifica e um dos ocupantes do veraneio é atingido no peito e cai, mas cai atirando e o tiro acerta uma das garotas e ela é ferida na coxa. Seu nome é Marcia. Os demais jovens entram em seus respectivos carros e seguem atirando. O primeiro carro sai

em disparada, deixando Marcia para trás. Muitos tiros são disparados. O segundo carro permanece parado. O motorista de nome Pedro está em estado de choque e não esboça reação. Marcia está caída no asfalto. Algemada é conduzida para a Veraneio. Juca, um dos jovens assaltantes entra no segundo carro e percebe que o motorista Pedro não consegue reagir. Jonas grita desesperadamente com Pedro.

—Saia já daqui porra! Acabou a minha munição. Eles vão nos matar!

O homem cego percebe a tensão do ambiente. Levanta-se vagarosamente, coloca o violão a tiracolo e empunha sua bengala para deixar o local, mas é baleado e cai na calçada.

Pereira, um dos ocupantes da Veraneio aproxima-se do carro onde estão Pedro e Juca, enquanto outro socorre o colega que fora baleado. O motorista Pedro continua sem qualquer reação e Juca está em pânico. Juca aponta sua arma sem munição para Pereira, mas é alvejado na cabeça com um disparo certo e cai no colo de Pedro, petrificado de medo.

— Calma garoto. Você já fez a sua parte.

— Disse Pereira com um sorriso cínico.

— Eles vão saber que eu entreguei tudo e virão atrás de mim. — Pedro, diz aos prantos e tremendo muito.

— Não, não virão. — Pereira respondeu com voz calma, mas com uma expressão de condenação e os olhos fixados em Pedro.

— Qual a garantia que vocês podem me dar?

— Garantia? Não se preocupe com isso. A garantia aqui sou eu. — Pereira abriu mais um sorriso, passou a mão na cabeça de Pedro, que transpirava muito e seu suor se misturava às lágrimas que escorriam de seu rosto vermelho pálido.

Pereira dá uns dois passos para trás, empunha a arma e dispara na cabeça de Pedro que cai inclinando o corpo para frente, com sua testa tocando o volante do carro e disparando a buzina.

Pereira olha para os lados, para a agência bancária, cujas pessoas permaneciam lá dentro em silêncio e em estado de choque. Ele retorna à Veraneio que acelera e deixa o local.

Os poucos passantes que circulavam pela manhã nos arredores da praça estavam

assustados. Alguns se aproximaram do veículo com os rapazes mortos, ensanguentados. A buzina e seu som agudo não parava de tocar.

A Veraneio seguiu em velocidade levando Marcia ferida e algemada, além do ocupante baleado. Um início de aglomeração se formou no local. Muita gente ao redor do carro com os jovens assassinados. Em um outro canto o corpo ensanguentado do cego parecia não fazer a menor diferença àquelas pessoas.

Uma criança, de mãos dadas com a mãe notou que era o cego que tocava violão, a quem havia admirado e que tentara se aproximar, mas a mãe o pegou pela mão e saiu para encontrar o marido que assistia TV pela vitrine da loja.

O marido não assistira ao jogo da seleção por não ter um aparelho de TV em casa, a mãe não conseguira realizar o depósito no banco pois fora assaltado quando ela se aproximava do caixa com uma pequena monta de dinheiro. O menino não mais iria ouvir o homem cego tocando violão, o homem cego não iria mais compor ou tocar músicas de Raul. Juca perdera a vida, assim como Pedro, o colega que havia traído os amigos em seus planos.

Márcia fora baleada e levada sabe-se lá para onde, assim como os demais jovens que conseguiram fugir em alta velocidade, sabe-se lá para onde foram.

Todo fim tem um começo, assim como o início de tudo carrega um único objetivo, o seu fim. O homem cego perdeu a vida solitária e seu corpo jazia solitário em uma calçada de praça sem que lhe fosse dada a atenção.

Algumas horas se passaram, a tarde caiu e a noite chegou, preparando-se para um novo dia. Operadores do serviço público já haviam cuidado de limpar a praça e os arredores da agência bancária para que a vida pudesse continuar no dia seguinte.

E ele chegou da forma como nascem todas as manhãs de todos os dias, às vezes chuvosa, às vezes fria, às vezes ensolarada e quente.

A mulher, dessa vez sem o menino, voltou ao banco para fazer o seu depósito, a loja de eletrodomésticos reabriu suas portas e sua vitrine voltou a exibir os televisores, além de tantos outros itens que alimentavam os sonhos de consumo daquela gente pacata da pequena e pacata cidade do interior.

Capítulo 3

A fuga

Os pneus cavavam sulcos profundos na estrada de terra batida, levantando nuvens de poeira que se espalhavam como um véu espesso pelo ar, deixando um rastro nebuloso que se dissolvia lentamente no horizonte

Marcos, com uma expressão tensa, mãos firmes no volante e olhar fixo na estrada, repetia, quase involuntariamente, o movimento de enxugar a testa com o braço de seu paletó, para secar o suor que insistia em escorrer pela sua face e gotejava em seus olhos, provocando ardor e atrapalhando a visão.

O motor do carro roncava alto, acelerando pela estrada sinuosa que cortava o campo aberto. No banco de trás, Marisa e Carlos tentavam recuperar o fôlego, ainda com a adrenalina queimando nas veias.

Paulo, no banco do carona, arrancou o paletó com impaciência, jogando-o no banco traseiro, enquanto Carlos, com o rosto tenso, puxava a gravata com um gesto brusco. Seus peitos arfavam, o suor escorria pelas têmporas,

e os olhares trocados eram rápidos, carregados de nervosismo. Marisa segurava uma bolsa abarrotada de dinheiro contra o peito, os dedos crispados no tecido, os olhos arregalados mirando o trecho da estrada deixado para trás, escurecido pela bruma seca do rastro de poeira, tentando enxergar qualquer sinal da Veraneio.

A tensão dentro do carro era quase palpável, densa como fumaça de pólvora. O coração de cada um batia acelerado, e o silêncio era preenchido apenas pela respiração pesada e pelo ronco insistente do motor.

Paulo abriu a janela com um movimento brusco, como se o ar fresco misturado à poeira do caminho que invadia o ambiente, pudesse dissipar o pânico, enquanto Carlos esfregava as mãos no rosto, tentando se acalmar. Marisa mantinha seu olhar inquieto se alternando entre os companheiros e a estrada.

Marcos, concentrado, afundava ainda mais o pé no acelerador, as mãos firmes no volante, o maxilar travado. Ele sabia que qualquer erro poderia custar a vida de todos.

Os olhos se estreitaram quando avistou uma pequena estrada, semelhante a uma trilha à frente. Sem hesitar, virou o volante

bruscamente, fazendo o carro derrapar e levantar uma nuvem de poeira.

A carroceria balançou violentamente, jogando Marisa para frente. Ela se agarrou ao encosto do banco com força, os dedos cravando no estofamento. Paulo e Carlos se seguraram como puderam, tentando estabilizar o próprio corpo enquanto sentiam cada solavanco do caminho irregular.

O suor escorria pelo rosto de todos, misturando-se à poeira que começava a invadir o carro. O cheiro de borracha queimada ainda impregnava o ar, enquanto pedras do cascalho da estrada seca ricocheteavam por baixo do assoalho do carro, lataria e até o para-brisas, dando a sensação de que o tiroteio ao saírem da agência bancária não havia cessado.

Cada segundo arrastava-se como uma eternidade. Eles não tinham certeza se haviam conseguido despistar os perseguidores, mas uma coisa era certa: a fuga estava longe de terminar.

A pequena trilha entremeada de tufos de capim braquiária que brotavam teimosos entre as marcas deixadas pelos veículos que já haviam passado ali antes, pareciam oferecer

um certo alívio para que pudessem pelo menos respirar um pouco mais aliviados. Carlos olha para os lados e vê apenas mato, além do ermo solitário em que se embrenharam.

—E agora? Para onde vamos? O que vamos fazer? — Disse Carlos, com ar de espanto e dúvida, arqueando o corpo e apoiando suas mãos no encosto do banco do carona à sua frente, onde Paulo estava sentado.

—Vocês não estão preocupados com a companheira Marcia? Será que os companheiros Juca e Pedro conseguiram sair de lá? —Marisa indagou olhando para o retrovisor do carro em sua frente, como se tentasse fixar os olhos em Marcos e Paulo.

—Não estou preocupado com a companheira Marcia e pelo que conheço os companheiros lutaram até a morte. —Paulo afirmou sem desviar o olhar que mantinha na estrada.

—Morte? —Indagou Marisa.

—Sim. Ou a deles ou a dos porcos. — Paulo respondeu friamente.

—Os companheiros sabem dos riscos de nossa missão. Nossa luta não é uma luta para

fracos. Os fracos não lutam. Se julgam vencedores até quando perdem. — Marcos interferiu com as mãos firmes no volante do carro.

— Porra companheiros. Para onde vamos? — A pergunta de Carlos soou de modo inocente e infantil.

— Só sei que não podemos ficar por aqui. Vamos para o aparelho. — Paulo respondeu assertivamente.

— A essa altura os porcos já sabem o endereço do aparelho. A companheira Marcia, sob tortura, já deve ter revelado. É o único lugar que não podemos estar. — Marcos deduziu.

— A companheira Marcia jamais nos entregaria. — Marisa interpelou aproximando seu rosto entre o banco do motorista e do carona, como se desejasse falar aos ouvidos de Paulo e Marcos.

— Comadre defendendo comadre. — Marcos interpelou com tom de ironia na fala.

— Por que não atribui o alcaguete aos companheiros Juca e Pedro? Tudo em nome do patriarcado? — Marisa questionou já se posicionando mais distante no banco de trás.

— Simplesmente porque acredito que os companheiros estejam mortos e quanto a companheira Marcia, ela é bonita demais. Não vão querer matá-la tão rápido assim. Eu não mataria. — Marcos retrucou de modo assertivo, olhando para o retrovisor e fixando os olhos em Marisa.

— Seu escroto.

— Parem com isso companheiros! Já temos inimigos demais para brigarmos entre nós. A causa é mais importante. — Carlos intercedeu, enquanto reparava a paisagem de vegetação seca em razão do período de inverno.

— Para onde vamos? — Paulo indagou olhando para Marcos.

— Estamos em uma área rural. Não vai ser difícil encontrarmos uma propriedade por aqui. — Marcos afirmou, já um pouco mais relaxado enquanto dirigia.

— Como assim alguma propriedade? E se tiver gente? — Paulo perguntou olhando para a estrada.

— Se tiver gente temos dinheiro e se o dinheiro não resolver temos armas. — Marcos salientou em tom de serenidade.

— Não somos assassinos. — Paulo retrucou.

— Tudo na vida é uma questão de ponto de vista companheiro. — Disse Marcos, olhando para Paulo ao seu lado e para Carlos e Márcia, sentados no banco de trás, através do retrovisor.

— Companheiros, vamos sair dessa estrada, pegarmos a primeira entrada que tivermos pela frente. Mesmo que fiquemos escondidos dentro do mato é mais seguro. Até mesmo porque está acabando a gasolina. — Carlos interpelou com um semblante preocupado.

Um silêncio se instalou entre os amigos. Marcos fitou o mostrador de combustível, ainda havia bastante gasolina, mas por não terem certeza de onde estavam e nem das condições de tempo que poderia mudar no decorrer do dia e até com o cair da noite, o alerta de Carlos parecia prudente.

Marisa segue observando as paisagens, áreas de mata, com pequenos arbustos curvados, áreas de pastagens, uns poucos animais se refrescando próximos aos arbustos, um pequeno ribeirão e a indicação de que

estariam próximos de alguma área de fazenda. Logo à frente ela avista uma entrada.

— Olha ali, tem uma entrada!

Marcos confirma, acata a sugestão e adentra uma trilha estreita e sinuosa que se estende entre colinas suaves, serpenteando por um terreno acidentado, onde aclives e declives se alternam em um ritmo irregular. Dos dois lados, uma vegetação densa se ergue, criando um túnel verde que parece engolir o caminho, deixando apenas pequenos vislumbres do céu acima. Um clarão à frente indica a existência de uma edificação singela, cerca de um quilometro por um trecho também sinuoso, mas sem as elevações, e um traçado aberto onde é possível avistar uma porteira de acesso à propriedade.

— Vamos parar aqui, desliga o carro. — Diz Carlos de modo incisivo e com um ar de ansiedade.

— Companheiro Paulo, vá fazer o reconhecimento e veja se há alguém na casa. — Marcos ordena, dando três tapinhas no ombro de Paulo.

—Vou com você companheiro. —
Marisa se apresentou solidária, já se movimentando para descer do carro.

—A companheira não vai a lugar nenhum sem ser ordenada. —Marcos a advertiu com o olhar disperso, demonstrando certa desorientação.

Marisa, com um semblante irritado e desafiador faz menção de responder a Marcos, mas é impedida por Carlos que lhe faz um sinal para que ela se mantenha calma, sem retrucar.

—É mais seguro ir um só, companheira. Marcos tem razão. —Carlos afirma, dando uma piscadela para Marisa que faz uma careta de reprovação à Marcos sem que ele perceba, mas aceita o conselho de Carlos.

Paulo abre a porta do carro e sai, seus passos firmes, porém cautelosos, ressoam no silêncio opressor da noite que se iniciava. Ele avança em direção à casa, cada movimento carregado de tensão. No interior do veículo, seus companheiros permanecem atentos, as mãos firmes nas armas, prontos para qualquer ameaça.

A casa, à sua frente, exala abandono. A pintura descascada, as janelas quebradas e a porta ligeiramente entreaberta denunciam anos de negligência. Ao cruzar a soleira, Paulo sente o cheiro acre de poeira e mofo. Móveis destruídos e espalhados pelo chão reforçam a sensação de um lugar esquecido pelo tempo. Ele segue para o banheiro, testa a descarga — nada. O silêncio e a imobilidade do ambiente são a confirmação de que ali ninguém vive há muito tempo.

Sem encontrar sinais de vida, Paulo respira fundo, lança um último olhar ao redor e decide voltar para o carro com seus instintos ainda alertas, como se o próprio vazio da casa escondesse algo à espreita.

Vagarosamente, olhando para os lados e o entorno a seu redor, caminha até o carro. O silêncio do lugar realça e destaca o som dos seus passos pelas braquiárias rasteiras e irregulares, misturadas ao cascalho e areia que circundam a casa. Olha para o céu como se marcasse as horas a partir do crepúsculo ao fim da tarde. A temperatura cai lentamente e alguns poucos pássaros seguem em revoada em busca de repouso.

—Companheiros, a casa está totalmente vazia; posso garantir que ninguém mora nela e é muito difícil que apareça alguém.

—Como pode ter certeza? —Marcos arguiu, olhando para o imóvel.

—A casa está inabitável companheiro.

—Como é esse inabitável? —Marisa questiona, inclinando seu corpo dentro do carro, no banco de trás, para ter um melhor ângulo de visão da propriedade.

—Não tem luz e nem água companheira.

—Paulo respondeu assertivamente.

—Impossível ficar aqui companheiros.

—Marisa interpelou.

—Pronto. A nossa companheira burguesa quer luxo. — Marcos insinuou com um sorriso irônico, olhando para ela.

—Não é luxo companheiro. É apenas querer o mínimo de condições dignas!

—Peça condições dignas para os nossos companheiros que estão sendo torturados nos porões da ditadura. — Marcos insinuou em tom provocativo.

—Os companheiros podem parar de brigar? Pelo menos teremos onde nos abrigar. Parece que vem uma tempestade pela frente e aqui no carro não temos como esticar a pernas. Vamos entrar. Lá dentro com mais calma vamos pensar no que fazer. Todos estamos cansados e sem rumo. Precisamos nos aclamar e resolver isso juntos. — Carlos salientou olhando para o céu, confirmando a possibilidade de chuva forte fora de época na região.

—Concordo companheiro. Se o lugar não serve para alguém habitar é um sinal de que ninguém virá aqui atrás de nós. Pelo menos estaremos seguros. — Paulo assentiu, olhando para os demais colegas.

—Pelo menos por enquanto. — Marisa ratificou.

— Tá bom. Vamos entrar nesse buraco.
—Marcos concordou resignado.

Capítulo 4

Lampião.

Os quatro companheiros se aproximam da casa, a tensão é visível em seus rostos. O ambiente é frio e sombrio, e a chegada da noite torna tudo ainda mais hostil. Marisa se esfrega para se aquecer, sentindo o arrepio não apenas do frio, mas também da incerteza.

Paulo, mais familiarizado com o local, mantém-se impassível, como se não lhe causasse estranheza. Já Marcos e Carlos, apesar da cautela, demonstram uma confiança contida, transmitindo a sensação de que podem lidar com qualquer ameaça. A segurança aparente de ambos tranquiliza Marisa, ainda que a inquietação permaneça no ar.

A casa exala um ar de decadência e mistério, como se estivesse presa no tempo. O cheiro de madeira envelhecida e umidade impregna o ar, misturando-se ao leve odor de terra molhada que vem do lado de fora, como uma chuva fina que começa ao cair da noite que brotara mais intensa com o avançar das horas.

O ambiente principal é uma sala ampla, mas sufocante. O chão de tábuas range sob os

pés dos visitantes, como se a própria casa protestasse contra a presença deles. Cortinas encardidas e rasgadas pendem das janelas, filtrando a luz da lua em feixes fantasmagóricos. O pouco mobiliário que ainda resiste está coberto por uma fina camada de poeira, e algumas cadeiras tombadas indicam que, em algum momento, houve movimento ali – talvez recente.

A cozinha é um cenário de abandono completo. Pratos quebrados ainda estão espalhados pelo chão, como se alguém tivesse saído às pressas. O velho fogão a lenha está tomado por fuligem, e o cheiro de ferrugem das panelas esquecidas mistura-se ao mofo das paredes descascadas. Sobre a mesa, um copo de vidro trincado reluz com a luz fraca de um pequeno lampião pendurado na parede, aceso por Paulo, usando um antigo isqueiro a querosene.

—Gostei desse seu isqueiro. Parece antigo. —Marcos comentou, demonstrando curiosidade.

—Herdei de meu avô paterno, morto em conflito na revolução de 1930. A bala que o matou entrou poucos centímetros ao lado do

isqueiro que estava no bolso da camisa que vestia. Ainda guardo a camisa que ele usava no momento do conflito. —Paulo respondeu friamente, enquanto regulava a luminosidade do lampião. Ele segura o lampião com uma das mãos para guiá-los pelos demais cômodos da casa.

—Pelo menos temos querosene aqui. — Carlos salientou ao ver um galão ao lado do fogão a lenha.

Um estreito corredor conduz aos quartos, onde a escuridão é ainda mais opressiva. As portas rangem ao menor toque, e dentro dos aposentos, colchões embolorados repousam sobre estrados quebrados. Algumas gavetas foram reviradas, expondo algumas poucas peças de roupas antigas e papéis amarelados. O ar ali é mais denso, como se o passado da casa ainda sussurrasse pelos cantos.

No pequeno banheiro, um espelho manchado reflete imagens distorcidas sob a pouca luz. A pia de porcelana trincada parece ter sido usada recentemente – uma mancha de água no fundo indica que não está completamente seca. O chuveiro enferrujado,

sem ligação elétrica, pinga lentamente, cada gota ecoando na imensidão silenciosa da casa.

Uma porta semiaberta no fim do corredor revela uma escadaria estreita, descendo para um porão mergulhado em sombras. O cheiro de terra úmida e madeira podre torna difícil a respiração. Há caixas velhas empilhadas, algumas ainda lacradas, e outras abertas, revelando papéis embolorados e objetos esquecidos. Algo se move entre as sombras – talvez um rato, talvez apenas o vento se esgueirando pelas frestas.

— Não é nosso aparelho, mas pelo menos por algumas horas irá servir. — Disse Marcos em um tom conformado.

— Eu já dormi em lugares piores. — Paulo reforçou.

— Eu nunca pensei que algum dia eu passaria por isso em minha vida. — Marisa comentou assustada e tentando se aquecer esfregando o corpo.

— A companheira quando decidiu entrar para a luta armada pensou que seria uma colônia de férias para concorrer em gincanas?

—Marcos provocou Marisa colocando a mão em seus ombros.

—Não se trata disso, companheiro, mas nosso plano era perfeito. Entrar numa agência bancária de uma cidade do interior, pegar o pagamento dos funcionários e pensionistas e sair de lá sem polícia, sem problemas e ir para nosso aparelho. —Marisa argumentou retirando a mão de Marcos de seu ombro.

—Sim. Nosso plano era perfeito e não haveria como ter problemas. —Carlos, salientou.

—Não teria problemas se não tivéssemos sido entregues.

O argumento de Marcos fez com que os demais se entreolhassem e Paulo reagiu em tom de espanto.

—Como fomos entregues? Por quem?

—Essa é uma acusação muito séria, companheiro. — Marisa advertiu Marcos, ainda se esfregando com frio.

—Calma! Não podemos afirmar nada sem termos certeza, pois sabemos o que temos de fazer com traidores. — Carlos advertiu.

—Engraçado como o óbvio tem de ser mostrado. —Marcos embasa a alegação de Carlos com ironia.

—Não há nada de óbvio em fazer uma acusação tão grave sem provas. —Marisa intercedeu, demonstrando indignação com as alegações de Marcos.

—Companheira, as provas são os fatos. Estamos aqui, escondidos em um buraco qualquer, simplesmente porque em uma ação que só o nosso grupo tinha conhecimento, fomos atacados por opressores do regime. Como sabiam que estaríamos lá? —Marcos retrucou, demonstrando certa impaciência com Marisa.

—Não posso acreditar que alguém de nós tenha nos traído. —Marisa replicou.

—Nem eu posso corroborar dessa suspeita. —Paulo admitiu.

Um ambiente de tensão, desconfiança e incerteza se instalara entre os companheiros. Admitir a possibilidade de terem sido traídos imediatamente muda a dinâmica do grupo.

Marisa se incomodava com o frio, um desconforto físico que indiretamente reforçava

a sensação de vulnerabilidade. O grupo permaneceu em silêncio por alguns instantes, absorvendo as palavras ditas. A tensão era palpável, como um fio prestes a se partir. Lá fora, o vento assoviava entre as frestas da casa abandonada, mas o verdadeiro frio estava entre eles.

—Eu também não me agrado com essa possibilidade, mas o que o companheiro Marcos levantou faz total sentido. —Carlos intercede para retomada do assunto após o silêncio pausado entre eles.

—Os companheiros Juca, Pedro e a companheira Marcia jamais nos trairiam e ela ainda foi levada presa pelos porcos. —Marisa interpelou.

—Se não foi nenhum dos três, então é alguém de nós. —Sugere Marcos, de modo provocativo.

—Que absurdo! —Marisa retruca, incrédula.

—Não há nada de absurdo em um raciocínio lógico. Quem nos traiu, ou está lá fora, ou está aqui dentro. —Marcos retrucou assertivamente.

Paulo se incomoda com a fala de Marcos, anda para um lado e para o outro, mãos na cabeça, demonstrando inquietude e preocupação. Marisa o observa em silêncio. Carlos se dispersa, observando detalhes da casa, encontra um outro lampião, um pouco menor, coloca um pouco de querosene e pede a Paulo para acender, com o isqueiro herdado do avô.

Com o ambiente mais iluminado ele vai até um dos quartos onde havia roupas velhas espalhadas. Pega um casaco e se dirige a Marisa para que ela se aqueça do frio. Ela agradece com um sorriso. Marcos balança a cabeça em sinal de ironia e um sorriso de canto de boca, mas não diz uma palavra. Paulo, aproveita o gesto solidário de Carlos e rompe o silêncio momentâneo.

— Não há motivos para o traidor estar aqui. É mais lógico que tenha ficado. Por que fugiria correndo o risco de ser abatido na perseguição?

— Para ter mais informações a passar. O companheiro está advogando em nome de todos ou em seu próprio? — Marcos retrucou.

—O que o companheiro Marcos está querendo dizer com isso?

—Companheiro Paulo, o que eu queria dizer eu já disse.

—Calma companheiros. Vamos parar com isso. Antes, temos de decidir quem será o líder aqui. —Carlos interpelou.

—Líder? — Marisa indagou com ar de surpresa.

—Sim, companheira. Nosso líder, o companheiro Juca ficou para trás com os outros e temos de decidir quem irá coordenar nossos passos a partir de agora.

Marcos se aproximou de Carlos e posicionou-se ao seu lado.

—A perda do companheiro Juca foi inestimável, Carlos. Mas, não posso deixar de observar que foi a sua liderança que nos colocou onde estamos.

Marisa encara Marcos e o interpela.

—O companheiro está dizendo que a culpa por tudo é do companheiro Juca?

—Não companheira. Estou dizendo que agora chegou a hora de agirmos por conta própria e resolvermos isso juntos.

—Discordo companheiro Marcos. Vamos votar para definir qual de nós será o novo líder. —Disse Paulo.

—Quatro candidatos, quatro votos? — Marcos retrucou com ar de deboche.

—Não estou me candidatando companheiro. —Paulo respondeu.

—Nem eu. —Afirmou Marisa.

—Eu também não. —Disse Carlos, suspirando.

—Ninguém perguntou se eu queria. Mas, tá bom. Se é tão necessário assim eu digo a todos o que devem fazer e a primeira coisa é ir ao carro pegar os malotes com o dinheiro. Aqui dentro pode não ter ninguém além de nós, mas lá fora é outra história.

Carlos e Paulo assentiram e se dirigiram ao carro para buscar os malotes.

Capítulo 5

Chuva e frio.

Uma chuva fina tamborila no telhado desgastado da casa abandonada. O vento frio assobia pelos cantos, arrastando folhas e pequenos galhos sobre o chão de terra batida. A única luz vem dos relâmpagos que cortam o céu e dos dois lampiões acesos, lançando sombras trêmulas pelas paredes.

Marisa se aconchega no casaco que Carlos lhe ofereceu, tremendo levemente. Marcos, debruçado na janela, observa atento a escuridão lá fora e o carro estacionado a poucos metros dali.

Paulo e Carlos caminham até o carro apressados, enrolados em um cobertor velho que encontraram em um dos quartos, tentando se proteger da chuva e do frio cortante. O ar úmido torna a respiração pesada, e os passos ecoam no solo molhado.

Carlos lança olhares rápidos ao redor, com a tensão evidente em seu rosto. Paulo destrava o porta-malas e, em um movimento sincronizado, os dois levantam a tampa. Dentro, dois malotes de dinheiro, sujos e

desgastados pelo tempo e pelo uso incessante no sistema bancário.

Antes símbolos de segurança e controle, agora jazem ali, repletos do mesmo dinheiro que um dia ajudaram a transportar com discrição e precisão. Suas alças puídas e costuras reforçadas contam a história de inúmeras viagens, carregando não apenas notas, mas cheques e documentos sigilosos, testemunhas silenciosas do fluxo incessante de riquezas e segredos.

—Será que os companheiros abatidos estão vivos? —Indagou Paulo, aproveitando que estavam sós, sem as intervenções de Marcos, o novo líder.

—A Marcia eu acredito que sim e a esta altura deve estar contando o que sabe. Os outros eu não tenho certeza. —Carlos respondeu, manuseando um dos malotes.

—O companheiro concorda com a tese de Marcos? —Paulo pergunta em voz baixa.

—Que o companheiro Marcos tenha razão eu não posso afirmar. Mas o que ele disse faz sentido. Eu afirmo plenamente. —Carlos

respondeu falando baixo e com a cabeça para dentro do porta-malas.

—Será que vamos ganhar essa guerra? O inimigo é poderoso, forte, armado. E tem o Estado ao lado dele. Do nosso lado somos poucos e ainda traídos. —Paulo questionou.

Carlos olha para Paulo, respira, quase um suspiro, segura um malote junto ao peito e responde pausadamente.

—Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só. Sonho que se sonha junto é realidade.

A conversa reservada entre os dois é interrompida por um lamento de Marcos em forma de indagação.

—Vão demorar muito ou estão precisando de ajuda?

—Vamos entrar. A chuva está aumentando e a temperatura diminuindo. — Respondeu Carlos.

Um trovão ribomba ao longe, sacudindo o silêncio. De repente, um galho se parte na escuridão. Os dois se entreolham, os músculos

retesados, as mãos indo instintivamente às armas na cintura.

Sem perder tempo, agarram os malotes e fecham o porta-malas com um estrondo abafado. Apressam-se de volta à casa, sentindo a água fria escorrer pelo rosto.

Dentro da casa, Marcos se ocupa em acender o fogão a lenha, empilhando pedaços de madeira quebrada espalhadas pelo chão. Com a ajuda de um pouco de querosene, as primeiras labaredas tremulam, lançando sombras dançantes na parede. O calor começa a se espalhar lentamente, mas o ambiente ainda carrega um peso melancólico — a primeira noite dos quatro companheiros naquele refúgio incerto.

Carlos e Paulo entram na casa segurando os malotes. Carlos se livra do cobertor velho e úmido pela chuva fina e o estende em uma superfície seca, de cimento queimado, do fogão a lenha. Solta um longo suspiro e se deixa cair sobre uma cadeira velha e de espaldar quebrado, rente ao fogareiro e ao lado de Marisa, esfregando as mãos vigorosamente para afastar o frio que parece entranhado em sua pele.

Paulo puxa uma outra cadeira que já havia visto ao fundo da casa quando entrou pela primeira vez, um pouco mais confortável, feita de madeira maciça, assemelhando a peroba ou pinho, de encosto levemente inclinado, assento forrado com courvin, de tom marrom. Marcos o observa e dá um sorriso de canto de boca, sentado em um toco de madeira.

O silêncio toma conta do ambiente, quebrado apenas pelo tamborilar da chuva no telhado, pelo estalar da madeira à medida que o fogo se infiltra em suas fibras, transformando-as lentamente em brasa, e pelo vento que uiva lá fora, como se vigiasse a noite.

Carlos fixa os olhos no fogo ainda baixo, perdido em pensamentos. Depois de um instante, ergue o olhar para os companheiros, um meio sorriso indecifrável surgindo em seus lábios.

Capítulo 6

Barganha.

A lâmpada fraca no teto piscava de tempos em tempos, lançando sombras tremulantes nas paredes amareladas pela pintura desgastada por falta de manutenção.

O cheiro de cigarro impregnava o ar, misturado ao odor agriçoce do papel velho e da tinta de carimbo ressecada. O escritório era um caos organizado: pastas de arquivos abarrotavam prateleiras metálicas, algumas tombadas, revelando documentos confidenciais e anotações apressadas. Sobre a mesa, fotografias em preto e branco espalhadas mostravam rostos sérios, alguns em expressões de medo, outros em cumplicidade.

Joaquim, um homem de meia-idade, trajava um paletó desalinhado. O nó da gravata frouxo denunciava o desgaste de horas a fio no pequeno escritório que, apesar de civil, funcionava como um anexo informal de um gabinete militar. Seus dedos tamborilavam na madeira enquanto segurava o telefone entre o ombro e o ouvido.

Enquanto Joaquim falava, quase colando os lábios no pesado bocal do telefone preto de baquelite, o som abafado da respiração do comandante ressoava do outro lado da linha, intercalado por fungadas impacientes.

— Pode deixar, meu comandante. Isso não vai ficar assim. Eu coloquei meu melhor homem para resolver esse problema.

— Quero que apenas cumpra com o seu dever. — Afirmou o comandante.

— Não se trata apenas de dever meu comandante, mas de confiança. De se querer o melhor para o nosso país. — Joaquim ressaltou efusivamente.

— Quero que encontre essa molecada e os coloque em seus devidos lugares.

— Pode deixar comandante. Iremos encontrar esses meliantes.

— Tenha certeza e que será bem recompensado.

— Não senhor. Não precisa, comandante. Nenhuma recompensa me deixa mais gratificado do que saber que cumpri o meu dever.

—O nosso homem encontra-se em paridade de armas? — Arguiu o comandante.

—O Alvarenga já está a caminho comandante. Armado, e caso necessite de reforços não faltará.

—Me mantenha informado. — Arrematou o comandante desejando finalizar a ligação.

—Manterei o senhor informado de tudo. Essa garotada não pode continuar agindo assim. Vamos colocar um fim nisso. Conte com o que for preciso. Só mais uma coisinha comandante, eu sei que não é o momento propício, mas gostaria de saber se o pedido que fiz para aquele meu afilhado está encaminhado. Afinal de contas, o rapaz sempre sonhou em ser oficial.

—Já encaminhei e inclusive já pedi para limpar os antecedentes criminais dele no sistema da polícia.

—Muito obrigado comandante. Quem nunca teve alguém na família que cometeu alguma besteira? Até porque a moça está viva; uma cadeira de rodas não evita que ninguém

seja feliz. Garanto que ele é um cidadão de bem e saberá valorizar a farda.

—Tenho certeza que sim. —Assentiu o comandante.

Um pacto de interesses os unia, e Joaquim sabia que, em tempos de chumbo, favores não eram pedidos, mas cobrados.

—Muito obrigado comandante. Eu sabia que poderia contar com o senhor.

—Caso alguém saiba de alguma coisa nós nunca tivemos esse telefonema.

—Com certeza comandante. Nós nunca tivemos essa conversa.

—No aguardo de notícias.

—Em breve a teremos senhor. Recomendações a madame Consuelo.

Joaquim finalizou a ligação com um sorriso escancarado. Retornou o fone para o gancho e virou-se para o lado, onde estava Consuelo, a esposa do comandante, completamente nua, o aguardando.

—Ele está muito nervoso? —Consuelo perguntou com voz insinuante, ajoelhando-se à sua frente.

—Nada além do costume, Consuelo. Chegando em casa você o acalma.

Consuelo sorri e se inclina sobre Joaquim, dando-lhe um longo beijo na boca.

—Com um beijo desses não tem como não se acalmar.

Consuelo abre a braguilha da calça de Joaquim vagarosamente e com um sorriso malicioso no rosto.

—Então vou te deixar mais calmo e quando chegar em casa ele se acalma com o sabor de seu pau na minha boca.

Joaquim dá uma gargalhada ao mesmo tempo em que se delicia com os movimentos voluptuosos da boca quente de Consuelo em seu pênis. Suas mãos deslizam inquietas pela mesa, absorvendo a sensação de prazer e tocam um livro em cuja capa traz o título “Como as democracias morrem”.

Capítulo 7

Poeira na estrada.

A chuva não cessou, mas diminuiu a intensidade e o frio aumentava. Dentro da casa, a pouca luz de dois pequenos lampiões e um pequeno fogaréu aceso no fogão caipira poderiam causar problemas. Afinal, eles estavam foragidos de uma perseguição e qualquer facho de luz por menor que fosse poderia chamar a atenção. Marisa circula pela casa, já se sentindo mais aquecida e mais segura, sem grande risco de serem descobertos.

— Não vem ninguém aqui, definitivamente. Olha o estado dessa casa! — Falou aos companheiros, em tom de positividade.

— Não virá ninguém aqui até quem nos traiu abrir o bico. — Marcos ponderou.

— Nós não estamos no endereço que era para estarmos. — Paulo salientou olhando para Marcos.

— Mas encontramos este lugar aqui a caminho de onde deveríamos estar. Da mesma

forma que paramos aqui, quem estiver atrás de nós, também poderá chegar aqui. — Marcos advertiu.

— Não é bem assim, companheiros. Achamos esse lugar por acaso. — Carlos intercedeu.

— Exatamente. — Paulo concordou.

— Exatamente. Poderemos ser encontrados por acaso. — Carlos ironizou.

— Não acredito e nem aceito a possibilidade de que algum de nossos companheiros tenha nos traído, principalmente a companheira Marcia. Confio piamente nela. — Disse Marisa com o dedo em resiste, pontuando em defesa da companheira.

— Eu não confio em mulher nenhuma, principalmente nessas horas. — Marcos insistiu.

Marisa se calou de súbito, os olhos cravados na porta de entrada como se percebesse alguém. Um silêncio denso se espalhou pela sala. Paulo e Carlos, instintivamente, se moveram em direção a uma das janelas, os rostos tensos, atentos a qualquer sinal do lado de fora. Algo invisível, mas

palpável, pairava no ar. Um arrepio percorreu a espinha de todos. Então, sem trocarem uma palavra, os quatro se levantaram ao mesmo tempo e se viraram para a porta — como se uma força os tivesse impulsionado. Havia algo ali. Eles sentiam. E sabiam que não estavam mais sozinhos. Marcos reagiu com agressividade.

— Porra! Por que essa porta e janelas estão abertas?

— Porque a casa não tem luz e se fecharmos não enxergaremos nada aqui dentro.
— Paulo respondeu.

— Por acaso alguém aqui está comendo peixe para não ficar no escuro? — Marcos arguiu em tom de ironia.

— Calma companheiro. É melhor deixarmos aberta. Assim poderemos ver se alguém está chegando.

— Eu senti alguém nos observando. — Marisa alertou.

Apesar de todos terem a mesma sensação, optaram por discordar de Marisa.

— Não senti isso, companheira. — Disse Carlos, apagando um dos lampiões.

— Isso é coisa de sua cabeça. — Marcos voltou a provocar.

— Todos estamos nervosos. Tem sido difícil. É normal que qualquer barulho mexa com nossa cabeça. — Paulo salientou, tocando o ombro de Marisa levemente.

— Coisa de mulher. Vê coisa onde não tem. — Outra provocação de Marcos, para irritação de Marisa que se afasta e tira as mãos de Paulo sobre seu ombro.

— Não fale isso companheiro Marcos. Eu já estive preso numa cela ao lado de um monte de gente, homem e mulher. Mulher é bicho forte e a maioria aguenta mais do que um homem é capaz. Mulher nasceu para aguentar a dor, a dor na hora que nasce, a dor na hora que dá à luz, na hora que sangra. — Paulo ponderou, tentando apaziguar a situação.

— Pronto. Tudo o que eu precisava. Um poeta. Vamos parar com essa porra. Estamos aqui no meio do nada. No fundo do poço, presos nessa casa sem saber o que fazer. — Marcos disse de modo incisivo.

— Concorde. Vamos parar com as afrontas. Quem ganha com isso? Estamos no

mesmo barco. — Carlos salientou, andando de um lado para outro, denotando ansiedade.

— Um barco que está afundando. — Marisa resumiu, olhando para o chão.

— Não é bem assim companheira. Todo o dinheiro da expropriação está com a gente. Estamos vivos. — Carlos ponderou, em tom de positividade.

— Concordo companheiro. Nossa operação foi, apesar dos pesares, muito bem-sucedida. Com o montante que conseguimos poderemos financiar a causa. — Paulo intercedeu.

A fala de Paulo animou os quatro. Marisa discretamente segurou a mão de Carlos, enquanto olhava para Marcos com uma expressão mais relaxada. Marcos sorri ao ver Paulo abraçado a um dos malotes de dinheiro.

Um fusca modelo 1969/70 rasga a estrada de terra como um fantasma em meio ao deserto. Ao volante, um homem de meia-idade, semblante pesado, veste um terno de linho branco impecável, gravata bem ajustada, óculos escuros que ocultam os olhos — mas não

a tensão que paira no ar. A estrada é sinuosa, marcada por saliências e buracos traiçoeiros. O carro avança lentamente, levantando uma nuvem de poeira que se desfaz como névoa atrás dele. Sem pressa, o homem encosta no acostamento da estrada poeirenta e de chão batido.

Desliga o motor. O silêncio é denso, quase opressor. Espera alguns segundos, observando a poeira assentar como se estivesse à espreita de algo. Abaixa o vidro, permitindo que o vento seco e quente do início da tarde — típico do inverno árido da região — invada o interior do carro.

Com movimentos contidos, abre o pequeno porta-luvas. Lá dentro: um revólver, um mapa, um maço de cigarros e um envelope pardo. Ele retira o revólver, examina as balas com atenção quase ritualística e então prende a arma na cintura. Os gestos são meticulosos, calculados.

Em seguida, pega o maço de cigarros, avalia a quantidade restante, escolhe um e acende. Dá um trago profundo, como se precisasse da fumaça para se manter no controle. Depois, guarda o maço e retira o

mapa.

Estende-o sobre o colo, examina com olhos atentos. Observa a estrada à frente, nota as cercas que delimitam o caminho, faz um discreto sinal com a cabeça — uma confirmação muda de que está no rumo certo. Dobra o mapa e retira os óculos escuros.

Seus olhos agora revelam o que os óculos ocultavam: frieza. Uma determinação implacável. Um olhar de quem não volta atrás.

Ele encara o envelope dentro do porta-luvas. Por um momento, apenas observa, como se o conteúdo ali guardado carregasse um peso que ele já conhece. Joga o mapa no banco do carona, pega o envelope e traga mais uma vez o cigarro antes de jogar a bituca pela janela.

Com calma quase desconcertante, abre o envelope. Lá dentro, várias fotografias. Ele as examina uma a uma, lentamente. Quatro rostos. Nenhuma reação visível. Apenas o olhar clínico e gelado de quem já tomou uma decisão.

As fotos voltam para o envelope. Ele o guarda de volta no porta-luvas, dá partida no carro.

O destino ainda é um mistério. Mas ele já sabe exatamente o que fazer.

A luz dura da tarde invadia a pequena casa com feixes dourados e poeirentos. O calor seco do inverno marcava a pele e tornava o ar denso, quase estagnado. Lá fora, o silêncio do campo só era quebrado pelo rangido leve das árvores secas e o som ritmado dos passos de Paulo, que vasculhava cada canto da propriedade com olhos atentos e respiração contida. Nenhum detalhe passava despercebido — ele precisava ter certeza de que estavam mesmo seguros.

Dentro da casa, o clima era de tensão contida. Marisa, Carlos e Marcos estavam reunidos ao redor de uma mesa pequena, de madeira envelhecida. A bolsa de Marisa, que carregara durante toda a fuga, agora estava aberta. Notas de dinheiro, já manuseadas por vezes, contadas e recontadas, estavam espalhadas sobre a superfície.

Os três contavam as cédulas em silêncio. Cada toque, cada olhar trocado carregava cumplicidade. Nenhum gesto era apressado. Cada valor era verificado e contabilizado.

Marisa, com o cenho franzido, fazia anotações minuciosas em um pequeno caderno, com a caneta tremendo levemente entre os dedos. Carlos organizava os montes de dinheiro com precisão, enquanto Marcos vigiava a porta entreaberta, como se esperasse ouvir algo vindo da estrada empoeirada lá fora.

No canto da mesa, repousavam dois malotes ainda fechados. Seu peso parecia bem menor que o conteúdo repleto de cédulas — muito dinheiro havia ali.

Do lado de fora, o céu dava sinais de mudança, com pequenos blocos de nuvens esparsas se amontoando e uma brisa morna começou a soprar, levantando poeira seca. A ameaça de uma chuva — dessas raras e imprevisíveis no inverno daquela região — se formava ao longe. Podia cair a qualquer momento. Ou não.

Ali dentro, sob o peso do dinheiro e dos olhares silenciosos, todos sabiam: não havia espaço para erros. Cada segundo exigia precisão. E confiança.

— Companheiros já olhei toda a propriedade, não há nada de errado, tudo

tranquilo. —Informou Paulo, adentrando à casa, após encerrar sua ronda.

Marisa, Marcos e Carlos interromperam a contagem do dinheiro e trocaram olhares entre si. Carlos interpelou em sinal de advertência.

—Sugiro que esperemos anoitecer, assim que a noite chegar vamos pegar a estrada.

—Sugestão negada companheiro, temos pouco combustível e não sabemos a proximidade de um posto para abastecer, temos que pensar em uma estratégia de sairmos daqui caminhando até encontrarmos outro carro. — Marcos intercedeu em protesto.

—E por que não podemos ir de carro em busca de um posto e se não acharmos, seguiremos caminhando onde acabar a gasolina? —Marisa ponderou.

—Mulheres... simples, companheira. O carro está marcado pelas autoridades depois de nossa ação. Ou seremos pegos andando com ele, ou se deixarmos parado onde acabar a gasolina deixará uma pista de nossa proximidade. Não podemos usar o carro. Nós

conseguimos nos disfarçar, o carro não. — Marcos intervém novamente.

—Entendido companheiro. Mas, o que faremos então? — Carlos arguiu.

Paulo ergue a mão pedindo intervenção e Marcos concede a palavra.

—Poderemos ficar aqui por semanas. Não há ninguém na propriedade. O grande problema é que não há mantimentos e nem água.

—De quem é a propriedade? Marcos indagou.

—Como assim, de quem é essa propriedade? —Paulo retrucou.

—Toda terra tem alguém que se diz dono. Com certeza alguém se diz dono dessa propriedade. —Disse Marcos.

—E o companheiro acha que o dono vai aparecer agora? —Carlos provocou.

—Eu não acho nada. Apenas estou dizendo que está tudo muito estranho. A sequência dos acontecimentos não me faz ter outra perspectiva. O ar está pesado, não sei, mas sinto que algo ainda irá acontecer.

—Algum tipo de premonição
companheiro Marcos? —Paulo arguiu?

—Premonição? —Marcos sorri. —Eu sou
ateu, meu pensamento é lógico. Não tenho
visões paranormais. Mas, percebo que há algo
estranho. Não temos alternativa. Se aparecer
alguém tentaremos o diálogo. Se não der certo,
resolveremos na bala.

Marisa olha para Marcos e manifesta
concordância em relação à estranheza dos
acontecimentos.

—Por mais que eu odeie a ideia de ficar
por aqui, eu tenho a sensação de que não
aparecerá ninguém pelo simples fato dele
parecer não existir. —Intuiu Marisa, com certo
ar de pressentimento.

—Embora eu seja ateu devo admitir que
se Deus existe esse lugar foi esquecido por ele.
—Marcos ponderou.

Carlos asseverou sobre não ficarem na
casa por muito tempo, mas Marcos usou de
ironia em sua argumentação, algo que gerou
irritação em Carlos.

—Vá pra puta que pariu. Não fode
porra!

— Calma companheiro! Calma! — Paulo intercedeu ante mais um desentendimento no grupo.

— Saco cheio dessa merda de “companheiro”, porra! — Carlos desabafou de modo irritado.

A tensão entre os quatro companheiros atingiu o ápice. Marcos, tomado pela fúria, apontou sua arma diretamente para a cabeça de Carlos, os olhos ardendo em rancor contido.

Num reflexo instintivo, Marisa girou sobre os calcanhares e mirou sua pistola contra Marcos, a respiração acelerada e as mãos firmes, pronta para puxar o gatilho se necessário.

Paulo, alarmado pela escalada de violência, ergueu sua arma também — mas não para atacar, e sim para tentar conter o caos iminente. Com voz firme, ainda que tensa, ele pediu calma, suplicando que todos lembrassem do caminho perigoso que haviam escolhido trilhar juntos, e do que estava em jogo se deixassem a raiva tomar o controle.

Marcos riu da cena e mais uma vez falou em tom de provocação.

— Povo armado jamais será escravizado.

— Cínico. — Marisa alfinetou.

— Calma companheira. Se é para a gente morrer é melhor nos entregarmos. — Paulo ponderou.

— Morro livre, mas jamais viverei preso.

— Disse Carlos.

— Então está decidido morreremos livres. — Marcos arrematou, mantendo a ironia na fala.

— Não sei o que é pior. Ter de conviver com o odor de seu cadáver em decomposição aqui ou o fedor que sai de você vivo. — Carlos retrucou com firmeza, mas aos poucos começou a baixar sua arma, num gesto hesitante.

Marisa seguiu o movimento, seus olhos ainda fixos em Marcos, avaliando cada centímetro de seu rosto. Marcos, por um instante, pareceu ceder também — sua arma começou a descer, lentamente. Mas, num rompante brutal, ele girou o corpo, agarrou o braço de Marisa com violência e o torceu para trás. Em um segundo, desarmou-a e posicionou a pistola contra sua cabeça, puxando-a para

junto do peito como um escudo humano. A tensão explodiu no ambiente — agora, Marisa era refém, e o equilíbrio frágil entre os quatro parecia se despedaçar.

O silêncio que se seguiu parecia um zumbido surdo, mais ensurdecedor que qualquer grito. Paulo e Carlos, imóveis, trocavam olhares tensos, incapazes de prever o próximo movimento. Marisa, com a arma pressionada contra a têmpora, mantinha os olhos fixos no vazio, recusando-se a demonstrar medo.

O fogo do fogão limitava-se a uma pequena centelha que ainda crepitava suavemente, lançando sombras distorcidas nas paredes, como se a própria casa respirasse junto com eles. Lá fora, o vento ganhava força, uivando entre as frestas. O velho lampião que ainda seguia aceso tremeluzia, ameaçando se apagar a qualquer instante.

Marcos mantinha-se firme, os olhos vidrados, mas a respiração denunciava o descontrole. O tempo parecia suspenso.

Capítulo 8

Tensas relações.

No interior abafado da casa, a tensão era quase sólida, espessa como o ar parado que grudava na pele. Marcos mantinha Marisa sob domínio com brutal firmeza — o braço em torno de seu pescoço como uma corda de contenção, a arma colada à sua têmpora, fria e ameaçadora, num aviso sem margem para equívocos: qualquer movimento em falso custaria caro.

Marisa, mesmo sob a mira, não cedia ao pânico; seus olhos, incandescentes, estampavam uma mistura de raiva, decepção e incredulidade. Carlos e Paulo, congelados por um breve instante, digeriam a cena com olhos atentos e nervos à flor da pele, calculando os riscos enquanto o que restava de confiança entre eles derretia sob o calor crescente da desconfiança.

Sobre a mesa, os malotes escancarados revelavam uma profusão de cédulas espalhadas — dinheiro que, naquele momento, mais parecia um fardo amaldiçoado a um troféu de uma conquista qualquer.

O silêncio, cortado apenas pelo estalo intermitente da brasa no fogão caipira e pelo sutil farfalhar das cédulas de dinheiro roubado, ao toque do vento que escapava pelas frestas mal vedadas, soava como o prenúncio de um colapso.

Entre armas em punho, palavras contidas e olhares prestes a explodir, formava-se um novo laço — incômodo, ambíguo, potencialmente letal — entre quatro fugitivos que, embora unidos por uma causa, agora se viam confrontados por seus próprios fantasmas: o medo, a sede de controle, a traição e um desejo mal disfarçado que, sob o peso da clausura, começava a emergir como uma ameaça silenciosa.

—Quanta bobagem, Carlos. Você acha que foi a primeira vez que alguém coloca uma arma na minha cabeça? Quem quer matar atira e mata. Quem não sabe o que quer acaba morto. —Marcos profetizou, apertando o cano do revólver na têmpora de Marisa.

—Escroto! —Marisa protestou, sem demonstrar pânico.

—Olha aqui, companheira, saiba que antes de você criticar a minha ironia, nem você

e nem seu namoradinho sabem aonde vamos. O plano era assaltar o banco, irmos embora e não nos encontrarmos mais. Não era para ficarmos escondidos em lugar nenhum.

— Sim, só iríamos nos esconder caso algo desse errado e deu. — Carlos assentiu à fala de Marcos, porém ponderando as consequências.

— Nós não assaltamos o banco, companheiro Marcos. Nós o expropriamos. Não somos assaltantes. Somos revolucionários. — Paulo interpelou.

Marcos ri da fala de Paulo e repete a frase com entonação dramática e efusiva. Do riso leve à gargalhada sonora, Marcos age de modo cínico e ardiloso com falas provocativas.

— Somos ativistas? Sim, somos ativistas. Lutamos pela liberdade do povo? Sim, mas queremos uma ditadura do proletariado. No fundo, acreditamos que o povo será livre. Mas nossa luta está surtindo efeito? Não está surtindo efeito, porra! — Marcos arregala os olhos e altera o tom de voz, pressionando ainda mais o cano do revólver na têmpora de Marisa que fecha os olhos e vira o rosto para o lado, como se os berros de Marcos incomodassem seus ouvidos. Paulo e Carlos se mantêm em

silêncio, abaixam a cabeça e apenas ouvem Marcos em seu brado quase retumbante.

—Sabem por que não está surtindo efeito? —Marcos faz uma pequena pausa e respira fundo. —Porque eles são muitos. Mas aí alguém vai dizer que eles são muitos, mas não podem voar. —Nova pequena pausa e Marcos reduz o tom de voz. —Nós também não podemos voar, caralho!

Paulo levanta a cabeça e argumenta em relação à fala de Marcos.

—Pare com isso companheiro Marcos! No nosso país os parasitas é que tem valor; um policial ganha muito mais do que um operário, um mero cabo das forças armadas ganha mais do que um professor, o cabo ainda tem autoridade e um professor não; a injustiça impera em nossa pátria, somente através da luta armada mudaremos isso, fazendo com que as fábricas sejam dirigidas por seus operários, que a produção da lavoura seja de quem trabalha na terra e não dos donos de títulos de propriedade; com o povo faremos a revolução que criará um país justo e com liberdade de expressão.

Marcos solta nova gargalhada.

—Já sei companheiro. Você está me dizendo que algum dia; um belo dia, o governo será feito do povo para o povo? Que um desses operários um dia será Presidente do país?

—E por que não?

—Por que não? Simples. Porque a ignorância é vizinha da maldade. Acorda, por favor! Eu já arrisquei demais o meu pescoço para ver essa joça cair de vez, poetinha.

—Solte a Marisa. Fazer isso não vai resolver nada. Vamos conversar e arrumar uma solução para isso. —Carlos ponderou, em meio a tensão do momento.

—Vamos não. Eu sou o líder. Eu vou arrumar a solução!

—Marcos, me solta por favor. —Marisa suplicou com uma expressão tensa no olhar.

—Solta a companheira. Ninguém vai te fazer mal. —Paulo intercedeu, demonstrando calma e tentando manter a calma no grupo.

Carlos, do mesmo modo ratificou o entendimento de Paulo. Marcos, enfim, concorda em soltar Marisa que chorando vai em direção à Carlos. Ele a abraça, enquanto ela

chora em seus ombros. Marcos admite estar confuso, sem entender o conjunto de coisas e sem a certeza do que acontecia com eles.

— Quando viemos para essa cidadezinha, todos os outros companheiros tinham caído, todos! Acabou. Acabou tudo. Que causa é essa que nós defendemos onde não há mecanismos para nos defender? Eu estava dentro do carro, no banco de trás. Eu estava na capital, antes de vir pra cá. — Disse recostando na parede com um semblante cansado. — Foi uma emboscada, como foi agora. Eu escutei o tiro. Um único tiro seco, zunindo perto de mim. Sabe o som que ouvimos do tiro que demos? É bem diferente quando o tiro é dado na sua direção. Parece um soco. O cheiro de pólvora é mais forte. Arde a narina. — Marcos esfrega a mão no peito enquanto fala.

Há manchas de sangue salpicadas na roupa e no rosto de Marcos — não apenas vestígios de violência, mas marcas cruas de algo que ainda ardia dentro dele.

Marisa, Paulo e Carlos observam atônitos, como se a cena diante deles fosse uma projeção vívida de um pesadelo compartilhado. Marcos fala com a voz embargada, olhos

distantes, como se fosse arrastado de volta no tempo, forçado a reviver um trauma enterrado a duras penas.

Suas palavras não são apenas lembranças — são fragmentos de uma tragédia pessoal, uma perda que ainda pulsa. Ele não apenas narra um acontecimento, ele confessa uma dor: a de ter visto cair, diante de seus olhos, uma pessoa querida, talvez muito mais que um irmão ou um amigo, ou um companheiro, assim como se referiam uns aos outros, em meio a uma batalha que parecia nunca ter fim.

O silêncio dos outros três é pesado, reverente — como se pressentissem que algo muito maior do que eles, estava prestes a emergir daquela memória sangrenta.

— Os pedaços do cérebro do companheiro estavam no meu rosto. — Marcos continua a narrativa olhando para algum ponto no teto da casa abandonada e escura. — Eu senti o sabor de seu sangue na minha boca; o sangue estava quente. Era doce igual ao seu sorriso. O companheiro João era lindo; ele não era apenas o companheiro João. Ele era o meu companheiro.

Eu corri, não sei como, mas eu corri. Fugi ouvindo os tiros que não me atingiam. Mesmo que tivessem me atingido eu já estava morto. — Lágrimas gotejam dos olhos frios de Marcos e deslizam vagarosamente pelo seu rosto pálido, como uma cascata solitária de alguma pequena bica em um deserto árido. — Eu perdi naquele dia o sentido de minha vida; perdi meu amigo, perdi meu amor. — Em meio ao pequeno rio de lágrimas que descia em seu rosto, um sorriso ameno e resignado, se mistura à voz embargada. — Até hoje eu tenho sonhos e tenho pesadelos. Quando sonho vejo o sorriso lindo de João e quando tenho pesadelos sinto o gosto de seu sangue doce e quente.

— Todos nós temos os nossos mortos para contarmos e para enterrarmos. — Disse Carlos, tentando quebrar o silêncio que pairou entre eles por alguns segundos.

— Eu só tenho um para enterrar e não quero ter mais ninguém. — Marcos respondeu de modo sucinto.

— Então para o companheiro não tem mais nada? Não pode ser que não tenha mais nada. — Paulo arguiu, com semblante de dúvida.

Marisa percebendo o momento de fragilidade de Marcos para de chorar e vai até ele sentando-se a seu lado.

— Estamos na mesma. Temos que pensar juntos. Saindo dessa cada um segue o seu caminho.

— Meu caminho é continuar lutando companheira. Lutando pelo que eu acredito. Lutando pelo meu povo. — Paulo ponderou assertivamente.

— Pois eu, companheiro Paulo, eu não sei mais no que acredito ou em quem acreditar. No Pelé? Na copa? Na camisa verde e amarela da nossa seleção? No Papa? No Rei? No General? Naqueles que desapareceram nas ruas? Nos mortos sem nome, sem rosto, sem túmulo? — Marisa justificou abaixando a cabeça, como se rendesse às incertezas que estavam vivendo.

— Sem vitória, sem glória, sem reconhecimento? — Marcos completou.

— Eu acredito que um dia esses dinossauros irão desaparecer. — Disse Paulo.

— Por enquanto nós é que estamos desaparecendo. — Marcos emendou.

Carlos se deita no chão e coloca as mãos sobre o peito, enquanto é observado pelos demais.

—Aqueles que você ama podem desaparecer e é por isso que entramos nessa luta. Para evitar que isso aconteça. Para que os mortos possam descansar em paz e os vivos possam viver em paz, também.

Marcos se encolhe no chão como uma criança ferida, tremendo sob o peso da culpa, o rosto voltado para a parede como se quisesse desaparecer.

Marisa, em silêncio, acaricia com delicadeza o braço machucado — o mesmo que ele apertara com brutalidade quando a fez refém. Seus olhos estão fixos no vazio, mas carregam uma dor contida, mais profunda que qualquer ferida.

Carlos se senta ao lado dela, e, num gesto quase instintivo, ela repousa a cabeça em seu ombro, buscando abrigo num gesto de frágil confiança.

Do outro lado do cômodo, Paulo se acomoda no chão diante da parede nua e começa a deslizar os dedos por ela, desenhando

figuras invisíveis — fantasmas de um mundo que talvez só ele ainda consiga ver, tentando dar forma à loucura silenciosa que os cerca.

Do lado de fora, o vento sussurrava entre as árvores secas, como se o mundo lá fora seguisse indiferente à tragédia contida naquele abrigo de paredes frágeis. Dentro da casa, o tempo parecia ter congelado.

O suor, o sangue e os silêncios contavam mais do que as palavras. Nenhum deles ousava romper o frágil pacto de trégua que se formara. Olhavam-se não mais como companheiros, mas como sobreviventes de algo que já não sabiam nomear.

A revolução, antes idealizada com fúria e fé, agora se desdobrava em ruínas emocionais e rachaduras humanas. A noite se aproximava, densa como um luto sem cerimônia.

E ali, naquele refúgio de sombras e memória, apenas uma certeza permanecia: nem todos saíam vivos — ao menos, não do mesmo jeito que entraram.

Capítulo 9

O porão

Uma lâmpada amarelada balança no teto baixo, lançando sombras disformes pelas paredes descascadas e úmidas. O zumbido elétrico preenche o espaço, até que um grito estridente corta o ar abafado, reverberando nas paredes de concreto como um chamado desesperado que não encontrará resposta.

No centro do porão, iluminada apenas por aquele ponto de luz, está Márcia. Seus braços estão amarrados à cadeira, os punhos roxos e feridos pelas cordas ásperas. A respiração é irregular, o rosto está suado, sujo, com marcas visíveis de violência recente.

O chão ao redor está manchado — suor, sangue e sujeira se misturam ao cimento frio. Atrás dela, um homem robusto a observa com frieza. É Pedrão, reconhecível pela brutalidade nos gestos e pelo prazer silencioso que extrai da dor alheia.

Ele segura os cabelos de Márcia com força, puxando sua cabeça para trás, expondo sua expressão de cansaço e resistência.

À frente dela, outro homem, Pereira, permanece sentado em uma cadeira, com as pernas cruzadas e o corpo relaxado. A diferença entre os dois torturadores é nítida: um age com impulso e força; o outro, com cálculo e paciência.

Ele observa cada movimento de Márcia com o olhar clínico de quem já participou de muitas sessões como essa. Nada ali parece novo para ele. Nada parece perturbá-lo.

O ambiente está saturado de tensão. O ar tem cheiro de mofo, ferro e fumaça de cigarro. Na parede, cabos, pedaços de madeira, garrafas e uma toalha suja compõem uma espécie de arsenal improvisado. Tudo ali tem um propósito: quebrar resistências.

Márcia se mantém em silêncio. Seus olhos, mesmo marejados, mantêm um brilho de desafio. Ela sabe que cada segundo sem falar é uma vitória amarga, e que cada minuto pode ser o último antes que a dor a ultrapasse.

A cadeira range levemente sob o peso do corpo fragilizado. Pedrão circula ao redor dela como um predador paciente, estudando sua presa.

O som das botas no chão ecoa sinistramente, acompanhando o tilintar metálico de uma corrente que se arrasta em um canto escuro. Pereira, imóvel, parece medir o tempo com o olhar. Sua expressão é de quem já conhece o roteiro: resistência, punição, colapso.

No teto, a lâmpada continua a balançar, como um pêndulo macabro que marca a passagem do tempo naquele lugar suspenso da realidade. A atmosfera é sufocante, quase irrespirável. O porão inteiro parece estar comprimindo o corpo de Márcia, forçando-a a dobrar-se não só fisicamente, mas também em espírito.

Há marcas nas paredes — arranhões, manchas escuras, pequenos objetos esquecidos. Sinais de que outros já estiveram ali. Poucos saíram.

O silêncio dos que não retornaram parece acompanhar Márcia como uma presença invisível, fortalecendo sua convicção, mesmo diante da violência iminente.

A luz vacila. A tensão não. Cada respiração de Márcia é uma decisão. Cada movimento dos homens ao seu redor é uma ameaça. No porão da ditadura, o tempo é uma arma, e a espera, uma tortura a mais.

Pedrão dá uma volta ao redor de Marcia. Sua expressão é fechada, uma impaciência calculada, antes de tentar obter mais alguma informação de Marcia.

— Quero os nomes e onde estão, ok? —
Pedrão pergunta em tom calmo ainda.

— Estão perto. — Marcia responde.

Nesse momento Pereira se aproxima, com um sorriso de canto de boca, olha nos olhos de Marcia que respira ofegante e tenta obter uma resposta mais assertiva.

— Perto onde, princesa?

— Estão na casa...

Pereira se aproxima ainda mais. Cola sua boca em um dos ouvidos de Marcia e faz um gesto como se fosse morder sua orelha, ou lambe seu ouvido.

— Deixa de rodeios. Me diz logo onde estão que eu te solto.

Marcia sente um arrepio ao sentir a boca áspera e de hálito ácido de Pereira roçando sua orelha, quase mordiscando o lóbulo. Seu corpo estremece quase repugnando, acompanhado de uma pequena vertigem.

— Estão na casa da puta da sua mãe.

Pereira apenas sorri e olha de soslaio para Alvarenga. O ar no porão parece ficar ainda mais espesso. A lâmpada tremula no teto, lançando sombras irregulares que se agitam como espectros.

Márcia permanece imóvel, os olhos fixos em algum ponto vago à sua frente, tentando manter-se dissociada da realidade do corpo que agora lhe escapa do controle.

O gesto de Pereira é lento, calculado, como se a humilhação fosse parte do processo de dominação — não apenas física, mas simbólica. O silêncio se intensifica, cortado apenas pela respiração ofegante dos presentes.

O ambiente ao redor se torna ainda mais opressor. A sujeira do chão, o cheiro ácido de suor e sangue, tudo parece se comprimir sobre o corpo de Marcia. A exposição forçada não é apenas uma tentativa de tortura — é um

atentado direto à sua humanidade. Atrás dela, Pedrão observa a cena com os braços cruzados, como quem assiste a uma rotina conhecida, indiferente ao sofrimento. Vagarosamente ele se aproxima ainda mais de Marcia, disposto a cumprir a ordem velada recebida pelo olhar libidinoso de Pereira. Com um solavanco ele rasga o vestido de Marcia, deixando-a seminua e com os seios expostos.

Márcia fecha os olhos por um instante, buscando um refúgio interior, uma memória, qualquer fragmento de si mesma que ainda não tenha sido violado por aquele regime de brutalidade.

O tempo não corre naquele porão. Ele se arrasta, moendo lentamente a dignidade dos que por ali passam. E, mesmo diante da dor e da violência iminente, algo em Márcia resiste — não o corpo, agora vulnerável, mas o espírito, teimoso, ainda intocado.

O porão é apenas uma parte de algo muito maior. A luz fraca que balança sobre Márcia não revela o restante do cenário — um labirinto de corredores úmidos e salas fechadas, de onde escapam gritos sufocados, gemidos e choros engasgados.

Márcia não está sozinha. Em outras cadeiras, espalhadas em compartimentos separados por paredes rachadas ou cortinas de lona, outros corpos também resistem.

Há um homem algemado a um cano enferrujado, os cabelos desgrenhados e os olhos esbugalhados de dor. Ele treme convulsivamente a cada descarga elétrica que um soldado aplica nos fios enfiados entre seus dedos dos pés.

Suas palavras já não fazem sentido — são ruídos de uma mente prestes a colapsar. Mais adiante, outro corpo estirado no chão é chutado com violência por dois homens fardados.

Os estalos dos ossos se misturam ao som das botas no concreto. Os agressores gritam palavras de ordem entre uma agressão e outra, como se justificassem cada golpe com a moral do Estado.

Em uma das salas ao lado, uma mulher jovem tem o rosto pressionado contra uma parede, enquanto grita por socorro que não virá. Um dos torturadores ri ao fundo, enquanto outro segura uma mangueira enrolada, ainda pingando.

Os gritos dela são ouvidos por Márcia, abafados, mas inconfundíveis. Cada clamor que atravessa o ar chega como uma punhalada silenciosa, lembrando a todos que estão cercados por um sistema que se alimenta do medo e da dor.

O cheiro no ambiente é insuportável — uma mistura de urina, sangue e desespero. As celas improvisadas, divididas por biombos, tábuas ou mesmo paredes de alvenaria, fazem parte do arsenal colocado à serviço da repressão. Prédios, casas abandonadas ou cedidas por idealistas do regime, se transformam em portais do inferno, refúgio da dor e da morte. Porões escuros que mal permitem a circulação de ar.

Há homens pendurados pelos braços, em paus-de-arara, gritando o nome de mães, esposas ou filhos. Um deles chora baixinho, implorando por clemência, sua voz engasgada ecoando num canto escuro. Ninguém responde. Apenas o ranger das correntes e o tilintar dos instrumentos de tortura respondem.

Márcia ouve tudo. Sente tudo. Cada novo som é um lembrete brutal de que a luta

não terminou — e talvez nunca termine. Ela mantém os olhos abertos, mesmo quando preferiria fechá-los. Precisa ver. Precisa registrar. Porque se sobreviver, terá que contar. Terá que lembrar de cada rosto ali, de cada grito, de cada corpo dobrado pela violência.

Do teto, pingos caem lentamente em um balde de metal, como se marcassem o tempo de sofrimento dos que ali estão. O som do balde se mistura com choros que vão e voltam como ondas.

Um homem grita em delírio, citando versos desconexos de um poema, antes de ser silenciado por um tapa brutal. Em outro canto, uma mulher entoa, em voz fraca, um canto antigo de ninar — talvez para se proteger da loucura ou proteger os outros dela.

Mesmo com os braços presos, com o corpo ferido e o espírito atacado, Márcia sente que ainda há algo que resiste. E sabe, com a dor de cada grito que ouve, que a verdadeira força ali não está nos algozes, mas naqueles que, mesmo em pedaços, ainda não se renderam.

Em uma sala adjacente, de iluminação vacilante, um jovem carcereiro, um cadete recém integrado à força militar, que carrega

com orgulho o distintivo e as insígnias de sua progressão na carreira, observa em silêncio a cena brutal que se desenrola diante de seus olhos. Em sua farda, do lado esquerdo do peito, exibia com orgulho o nome e a patente: Tenente Élio.

Uma jovem mulher, Aurora, de beleza delicada e olhos intensos mesmo no sofrimento, se contorce entre as amarras enquanto os interrogadores se revezam nos golpes e nas violências sexuais que lhes são praticadas.

Foi ele quem a trouxe até ali, segurando seu braço com firmeza, ignorando os olhos suplicantes que pareciam ver além da farda que vestia.

Agora, parado no canto da sala, sente o estômago revirar a cada grito abafado, a cada gesto de violência, a cada abuso sexual. Algo dentro dele se parte em pedaços. Por mais que tente manter o semblante impassível, o peso daquela cena se infiltra lentamente em sua alma.

Não é apenas o corpo da mulher que sangra — é a sua consciência que se fere, silenciosa. Sente-se cúmplice, parte de uma

engrenagem suja da qual não consegue mais se desvencilhar.

O cheiro de medo e dor parece impregnado em sua pele. E por mais que tente se convencer de que está apenas cumprindo ordens, já não acredita nisso.

O olhar da mulher, mesmo entre lágrimas, ainda é humano — e isso o destrói por dentro. Ele chora por dentro, engole lágrimas que evitam descer de seu rosto. Passivo, de alguma forma ele pede aos céus que ela resista.

Capítulo 10

A execução.

O carro para levantando poeira na beira da estrada, assim que Alvarenga avista um bar. Alvarenga desce devagar, os olhos percorrendo o entorno com desconfiança quase animal.

O bar ergue-se solitário à beira da estrada, como um ponto de apoio esquecido pelo tempo. A construção é simples, em parte feita de madeira envelhecida e paredes de alvenaria manchadas pela poeira vermelha, lembrando paisagens secas do cerrado no período de inverno, mas também do sertão ou qualquer outro rincão do país.

A placa pendurada na entrada balança com o vento quente, rangendo como se reclamasse da solidão. Não há música, nem conversa — apenas o zumbido constante de um ventilador cansado, preso no alto de uma viga que já viu dias melhores.

Ali, o movimento é raro. Frequentado por caminhoneiros e viajantes solitários que cruzam o país em trajetos longos e sem testemunhas, o bar serve como o último refúgio antes das estradas de terra que se embrenham

pelos rincões esquecidos do interior. Homens calados, de rosto queimado pelo sol e olhar duro, param ali para descansar, beber algo forte, comer um prato simples e seguir adiante.

No chão, marcas de botas secas com lama misturam-se ao cheiro de óleo e tabaco. Nas prateleiras, garrafas empoeiradas e conservas vencidas dividem espaço com garrafas térmicas amassadas e xícaras lascadas. A luz é fraca, amarelada, pendurada por um fio exposto que serpenteia pelo teto de madeira.

Tudo ali é precário, mas funcional. Um posto de parada que testemunha segredos, carrega histórias silenciosas e serve como território neutro onde ninguém pergunta nada — e ninguém responde. O tipo de lugar onde se pode desaparecer por algumas horas ou para sempre, sem deixar vestígios.

As mãos firmes de Alvarenga mantêm o casaco fechado, ocultando a arma que traz na cintura. Entra no bar sem dizer qualquer palavra. O silêncio do lugar é cortante, quase tão agressivo quanto sua presença. O atendente, um homem franzino, estremece ao vê-lo.

Alvarenga se aproxima do balcão como quem já sabe o que quer. Não sorri. Não cumprimenta. Apenas pergunta, seco, onde fica a estrada de terra que leva à vila mais próxima. O atendente responde com hesitação, apontando com os dedos trêmulos. Alvarenga não agradece. Seus olhos são frios, fixos, sem piscar — olhos de bicho que fareja sangue.

Pede uma bebida. A voz é grave, baixa, mas cada sílaba soa como ordem. O atendente obedece rápido, tentando não encarar de frente. Ao se virar para pegar o copo, Alvarenga move o corpo e, por um instante, sua jaqueta abre, revelando a coronha escura do revólver. O atendente vê. E congela.

Alvarenga nota o medo, e aquilo o diverte. Senta-se com calma e beberica lentamente sua bebida, saboreando mais o desconforto alheio do que o gosto que ela proporciona. Seu olhar agora é mais lento, mais calculado. Ele não está apenas ali de passagem — está à caça. Em sua mente, cada rosto é um possível alvo, cada olhar atravessado uma ameaça ou uma oportunidade.

O atendente tenta puxar conversa, mas a tensão só aumenta. Alvarenga responde com

frases curtas, deixando pausas longas e perturbadoras. A cada gole, sua presença se torna mais sufocante. Há uma violência latente em sua quietude, como se a qualquer momento fosse arrancar a arma e fazer o sangue correr por aquele chão empoeirado. Porque para ele, matar é só uma das formas de continuar respirando.

—O senhor vem de onde? —Perguntou o atendente desejando ser simpático.

—Da capital. —Alvarenga respondeu sem nem olhar para o atendente.

—O senhor está indo visitar alguém?

—Não.

—Veio a trabalho?

—Pode-se dizer que sim. —Alvarenga responde, olhando para um canto que mais parece canto nenhum.

—Passeio?

—Vim comer cu de curioso.

—Como?

Alvarenga, enfim, olha para o atendente, levanta e o puxa pelo colarinho.

—Faz um favor a você mesmo. Cala a sua boca, tá ok? Você fala muito e eu gosto de silêncio, entendeu?

O atendente assustado, concorda balançando a cabeça.

—Sabe quem faz silencio de verdade? — Alvarenga faz a pergunta puxando-o ainda mais pelo colarinho.

O atendente apenas balança a cabeça negativamente, com semblante assustado. Um suor frio e a marca de algo líquido descendo por suas calças, perna abaixo, como se diz nos rincões das cidades de interior, se encarregavam de desidratar a sua palidez.

—Os mortos. Consegui entender? — Alvarenga perguntou, afrouxando a mão no colarinho do atendente que apenas balançou a cabeça concordando. Alvarenga empurra o atendente e lhe dá um soco na cara, derrubando-o ao chão. —Eu não passei por aqui, eu não bebi essa merda e eu não soquei você até a morte.

Alvarenga desfere vários chutes no rosto do atendente, com brutalidade fria, mas controlada. Em seguida, saca o revólver e

dispara dois tiros sem a intenção de matar, apenas de impor medo e deixar a mensagem clara. O atendente, atordoado, sangrando pelo nariz, fica inerte, desacordado e mijado.

Sem pressa, Alvarenga se serve de mais uma dose tranquilamente e joga o dinheiro em cima do balcão. Caminha até a saída, sem olhar para trás. Ao chegar ao carro, abre o mapa novamente, examina rapidamente a rota, depois o dobra e o joga no banco do carona. Liga o motor com um gesto firme e parte, desaparecendo na estrada como um fantasma armado — deixando o caos como assinatura.

Dentro da pequena casa abandonada, o silêncio é cortado apenas pelo som distante do vento soprando por entre as frestas das janelas. Marisa, Carlos e Marcos estão sentados em círculo no chão empoeirado, os rostos abatidos pela exaustão.

Estão sujos, com as roupas amarrotadas, e seus olhares revelam não apenas o medo de serem descobertos, mas também o peso da fome e da sede que já não conseguem mais disfarçar.

O ambiente é carregado de tensão, como se a qualquer momento o estopim do desespero pudesse ser aceso.

Do lado de fora, Paulo caminha com passos firmes, mas o corpo denuncia o cansaço acumulado dos últimos dias. O sol já começa a baixar no horizonte, tingindo o céu de tons alaranjados.

Seus olhos varrem os arredores em busca de qualquer indício de salvação: um riacho, uma bica d'água, uma árvore frutífera, um casebre, qualquer sinal de que a natureza ou o acaso ainda podem oferecer algum sustento.

Ele caminha por entre mato alto e trilhas pouco visíveis, atento a cada som, cada movimento suspeito. O silêncio da mata se mistura ao ruído interno de sua própria urgência.

Lembra dos companheiros na casa, dos olhos fundos de Carlos, da boca ressecada de Marisa, do silêncio resignado de Marcos. Sabe que, se não voltar com alguma coisa, a resistência daquele pequeno grupo pode não durar muito mais.

A certa altura, Paulo se depara com uma clareira vazia, onde antes acreditava ter visto uma estrutura ao longe — talvez uma ilusão provocada pelo cansaço e pelo desejo desesperado de encontrar algo.

Caminha ainda por mais alguns minutos, rodeia árvores, inspeciona arbustos, mas nada encontra além do silêncio abafado da mata e do som oco de sua própria respiração.

O céu começa a escurecer, e ele entende que precisa voltar. De cabeça baixa, os ombros curvados pelo peso da frustração, retorna pelo mesmo caminho que seguiu.

Ao se aproximar da casa, seu semblante revela o desânimo de quem não traz boas notícias. Os passos são lentos, quase arrastados.

Dentro da casa, Marisa indaga sobre a preocupação de serem encontrados pelos algozes, numa possível perseguição ao encontro do aparelho em que desejavam chegar. O caminho era o mesmo.

Carlos pondera que o objetivo era pegar o dinheiro, se dirigirem ao aparelho, dividirem o dinheiro e cada um seguir seu caminho

depois, até se reencontrarem em outro país, enquanto Marcos despeja sua ironia.

— Com certeza em Havana. — Disse.

Marisa comenta sobre a casa estar há tanto tempo vazia, algo que ela acha estranho e tem a concordância de Carlos em razão do abandono do lugar.

— Quem procura acha. Se quiserem logo estarão aqui. Ainda mais se a Marcia der a localização do aparelho aonde íamos. Aqui fica no meio do caminho. — Marcos argumentou com seu tom de desânimo.

— A Marcia não vai dizer nada. Quantas vezes eu vou ter que falar isso? — Marisa indagou impaciente.

— Quantas vezes você ainda puder, pois com certeza nosso tempo é curto. — Marcos retrucou.

— Já não chega estarmos aqui confinados e você tem que continuar com suas ironias? — Marisa o desafiou.

— É melhor vocês dois pararem. — Carlos advertiu.

—E eu tenho culpa, Carlos? Tudo o que eu falo esse daí fica debochando.

—Quando um não quer, dois não brigam. —Carlos arrematou.

A discussão foi interrompida pela chegada de Paulo, com expressão cansada e cheia de desolação.

Capítulo 11

Democracias morrem.

O sol ainda não havia nascido quando o corpo de Aurora foi levado, envolto num lençol branco, coberto de sangue e silêncios. Os olhos estavam semicerrados, como se ainda buscassem no escuro algum vestígio de luz.

O hospital militar não emitiu nota, tampouco permitiu visitas. A notícia correu sussurrada entre corredores e quartéis: *ela não resistiu aos ferimentos*. Foram múltiplas fraturas, hemorragias internas, sinais evidentes de violência sexual.

A jovem, de apenas vinte e dois anos, não sobrevivera à sessão de tortura no porão úmido, onde homens de farda e olhos vazios desfiavam métodos em nome da "segurança nacional".

Elio, tenente de baixa patente, carregava na consciência o peso de ser o encarregado de transferi-la do cárcere para o porão. Era uma ordem direta, protocolar, sem margem para questionamentos. Mas algo dentro dele vacilou ao ver Aurora à sua frente, ser vilipendiada.

Ela o olhara uma vez — e aquele olhar nunca mais o abandonaria.

Depois da tortura, não conseguia dormir. A imagem do corpo ferido de Aurora se sobrepunha a tudo: à esposa, à filha pequena, à própria farda. Passou noites bebendo, perguntando-se onde exatamente perdera a alma. Tentou escrever um relatório, mas as palavras falhavam. O silêncio era mais honesto.

Elio estava de folga. Por morar em uma cidade distante há algumas horas do quartel, optara por permanecer no alojamento. Um tiro certo, limpo, direto ecoou pelo pátio do quartel. Alguns colegas de farda ouviram o estampido vindo do alojamento e correram até lá.

Encontraram Elio caído sobre a própria arma. O tiro penetrara seu queixo e atravessou todo o crânio. A morte foi instantânea. Um bilhete fora deixado na cabeceira da cama: Saio desta vida para não entrar nessa história.

Não houve comoção. O fato foi tratado de forma protocolar e um laudo médico de causa mortis apontava o óbvio. A família fora comunicada no mesmo dia do ocorrido onde se lamentou a imperícia do oficial no manuseio do

equipamento durante o processo de limpeza e manutenção.

O caso foi arquivado. Nenhuma menção à culpa. A viúva recebeu o seguro, a filha nunca soube o que realmente se passou. Mas os que ainda tinham memória — e vergonha — sabiam que Elio havia morrido antes mesmo do tiro. Morrera no instante em que cruzara o limiar do porão.

A expressão desanimada e cansada de Paulo era inconteste à sua fala.

—Pessoal eu não encontrei nada aí fora. Não temos vizinhos, não há um riacho próximo, nem uma fonte, poço ou brejo. Não temos onde conseguir água.

—Eu estou com sede, fome e me sentindo suja. — Disse Marisa olhando para Carlos ao seu lado.

—Falta pouco para a noite cair. Logo vamos sair daqui e procurar outro lugar. — Carlos tentou amenizar.

—É mais fácil reformar essa casa do que procurar outro lugar numa altura dessas. — Disse Marcos mantendo a ironia de suas falas.

—Olha aqui Marcos, estou cansado, estou puto com tudo o que está acontecendo, mas não estou a fim de aturar você! Porra, cara! Se não tem nada para dizer, faz um favor para todo mundo. Fica calado. — Carlos retrucou em tom severo.

—Tá bom, tá bom. Vou deixar vocês curtirem a ilusão de que vamos sair dessa ilesos, com todo esse dinheiro. Melhor, vou ficar assistindo de camarote a nossa captura.

Carlos avança para cima de Marcos na intenção de enfrentá-lo, mas é contido por Paulo que entra no meio para apartar a briga, enquanto Marisa, assustada, se recolhe a um canto da sala, quase à beira de um surto.

—Calma companheiros! Não vamos chegar a lugar nenhum dessa maneira. Somos irmãos e não é hora de entrarmos em conflito. É exatamente isso que nossos opressores querem. Que nos matem uns aos outros para que eles possam justificar suas barbaridades. — Paulo advertiu, no intuito de apaziguar a situação.

Marcos com seu jeito sempre cínico e carregado de ironia, bate palmas e assobia com os dedos entre a boca.

— Belo discurso, companheiro Paulo.

O clima na sala permanecia tenso, carregado por uma mistura de desespero e exaustão. O silêncio que se seguiu à intervenção de Paulo parecia pesar sobre cada um como uma manta úmida e sufocante. Lá fora, o sol já beijava o horizonte, tingindo de âmbar as frestas da velha casa.

A poeira suspensa no ar dançava à luz mortiça que atravessava as janelas quebradas. Sem trocar mais palavras, os quatro se afastaram lentamente uns dos outros, cada qual imerso em seus próprios pensamentos.

Carlos saiu pela porta dos fundos, atravessando um pequeno trecho de mato no amplo quintal da casa. Seus passos eram firmes, porém vagarosos, como se quisesse afastar-se da tensão sem, no entanto, abandonar completamente o grupo.

Um pequeno arbusto adiante, sombreado pelo crepúsculo e o som abafado da floresta o envolveu, e pela primeira vez em

horas, ele respirou fundo. O ar ali era mais fresco, carregado do cheiro de terra molhada. Mesmo que ainda não houvesse sinal de água, a sensação era de alívio.

Ao longe, o grito de um pássaro ecoou, enquanto Carlos se embrenhava mais fundo, desejando repetir o que Paulo havia feito na mata, determinado a encontrar algo que os mantivesse vivos por mais uma noite.

Joaquim estava imerso na leitura de *“Como as democracias morrem”* quando o telefone em sua mesa tocou, interrompendo a concentração que custara tanto para alcançar. Ele soltou um suspiro contido antes de atender.

— Alô.

Do outro lado da linha, a voz do comandante soou seca, carregada de uma preocupação velada em relação aos descaminhos que trilhava e os favores colocados em jogo.

— Acho melhor enviar mais alguém junto com o seu homem.

Joaquim manteve a calma habitual, embora resguardando das referências devidas ao comandante.

— Comandante, provavelmente não será necessário nenhum tipo de reforço. O Alvarenga conhece muito bem a região.

— Você sabe ao menos se ele está na pista certa? — Insistiu o comandante.

— Estou recebendo informações diretas sobre tudo o que está acontecendo — respondeu Joaquim, firme. — E, também, sobre o que possa vir a acontecer.

— Quero apenas que resolva.

— Pois não, comandante.

— Não é a primeira vez. E espero que seja a última.

— Mas, comandante...

— Não tem “mas”, Joaquim.

— Sim, senhor. Sei da importância desta operação.

— Exatamente por isso me preocupa você ter enviado um homem só.

— O Alvarenga vale por dez homens, comandante.

— Assim espero. Só o que me falta é ter que acionar a polícia. Isso seria uma desmoralização.

— Acredito que antes do anoitecer já teremos solucionado este problema. E com certeza manteremos a polícia fora disso.

Joaquim desligou o telefone devagar, sem antes olhar de frente para o aparelho como se tentasse ver o comandante do outro lado da linha e balançou a cabeça, com certo ar de desdém.

O silêncio que retornou à sala parecia mais denso que antes. Ele respirou fundo, passou a mão sobre o rosto e retomou o livro que estava lendo. Murmurou para si mesmo, quase como um lamento, mas, verdadeiramente uma ironia.

— Pois é... O mais bonito na democracia é que ela é tão boa que permite que se acabem com ela...

No instante em que retomou a leitura, Joaquim não mais lia — decifrava entrelinhas. As palavras já não lhe traziam ideias, mas

rostos. Aurora, Elio, e tantos outros que haviam sido engolidos pelo maquinário bruto de uma guerra interna e silenciosa. Ele sabia que aquelas páginas falavam mais do presente do que do passado.

A brisa da tarde soprou pelas frestas do edifício, carregando o cheiro da cidade cinza. Lá fora, os prédios lançavam sombras compridas sobre os becos. Dentro da sala, a luz da tarde declinava, estendendo um manto melancólico sobre os móveis frios.

Enquanto isso, em algum ponto da mata, Carlos caminhava com os olhos fixos na linha tênue entre a esperança e o desespero. A sede corroía por dentro, mas era a tensão do tempo que mais pesava. Eles estavam foragidos, não só da lei, mas da verdade. Daquela verdade que o regime enterrava sob relatórios falsificados, laudos médicos manipulados, histórias arquivadas sob o selo do esquecimento.

Joaquim ergueu os olhos encarando o reflexo distorcido de si mesmo na vidraça do gabinete. Pela primeira vez em muitos anos,

teve a impressão de que não havia mais diferença entre ser cúmplice ou apenas omissor. Ambas as posturas davam corpo ao mesmo fantasma: a morte da democracia.

Na contramão da justiça, operava-se uma engrenagem que triturava corpos e apagava nomes. E quando não restava mais ninguém para contar, restava o silêncio. Um silêncio ruidoso, como o estampido seco da arma de Elio ou o último suspiro de Aurora.

Joaquim fechou o livro. O título na capa parecia agora uma sentença final: *Como as democracias morrem*. Ele sabia. Morriam assim. De forma lenta, disfarçada, com rituais burocráticos, bilhetes sem destinatários e a impunidade pintada de rotina.

Capítulo 12

Corte profundo.

Sentada nua, amarrada e muito machucada em uma cadeira, Márcia está com o rosto ensanguentado. Seus olhos, semiabertos, tentam acompanhar os passos que ecoam pesados no piso de concreto.

A porta de ferro de acesso ao porão improvisado range, abrindo-se lentamente, e Pereira entra com sua calma habitual — uma tranquilidade estudada, cruel, construída com anos de prática naquele subsolo impregnado de dor. Ele veste uma camisa branca aberta até o peito e por cima um paletó em tom bege um pouco amarrotado. Fecha a porta com cuidado, como se não estivesse prestes a iniciar mais uma sessão de tortura, mas apenas uma conversa trivial.

O ambiente é ainda mais frio, úmido, quase sem luz. Apenas uma lâmpada oscilando no teto lança sombras irregulares sobre as paredes manchadas.

Do outro lado da parede, mesmo que distante é possível ouvir gritos abafados. Márcia ouve os passos de Pereira desfilando

pelo porão como se fizesse uma vistoria do ambiente, por mera curiosidade ou apenas gerar tensão. Cada gemido, cada pedido por socorro que podia ser ouvido, vindo de algum canto da edificação produzia a sensação de que o inferno não é um lugar distante. Sua sede é ali, naquele porão sem janelas onde o tempo e a esperança se dissolvem.

Pereira se aproxima lentamente, os passos ritmados como o ponteiro de um relógio prestes a marcar a última hora. Ele observa Márcia com olhos vazios de compaixão.

Ele contorna a cadeira, a observa como se analisasse um objeto de estudo. Toca suas feridas com a ponta dos dedos, cutuca hematomas já roxos e sangrentos, à procura de novas reações. O corpo dela se contorce, mas a boca continua fechada. Pereira não se incomoda. Está acostumado com o silêncio — sabe que, com o tempo, ele sempre cede. E se não cede, quebra.

—Então minha princesa, já lembrou onde estão os nossos companheiros? É uma questão de tempo. Se você falar logo vai parar de sofrer, se demorar a falar vai sofrer mais e de um jeito ou de outro o seu pessoal será

encontrado. Já tem gente nossa nessa procura e o cara que está no encalço conhece muito bem a região. Sabemos até quantas propriedades existem, principalmente as que estão vazias. Então apenas nos poupe o trabalho e nos faça economizar gasolina.

Pereira faz um carinho no rosto de Marcia que estremece ao toque da mão dele em seu rosto sujo e suado. Marcia nada diz e Pereira continua.

—Prometo que se você for boazinha te levarei pra jantar e te darei uma noite maravilhosa.

Marcia reage à proposta de Pereira.

—Filho da puta desgraçado. Me mata de uma vez, canalha! Não vou contar nada pra você. Prefiro morrer.

Pereira nada diz. Vai por trás de Marcia e a abraça. Leva as mãos aos seios dela e acaricia, passa a mão pelo seu ventre e desce até a vagina.

—Não quero te matar. Percebe que estar viva pode ser pior do que estar morta? Você pode não entender, mas somos pessoas iguais

em lados diferentes. Você não quer a verdade?
É o que eu quero também.

Pereira volta a ficar frente a frente com Márcia. Segura seu rosto com uma firmeza calculada, os dedos pressionando sua mandíbula machucada. Inclina-se devagar, como quem prepara um gesto íntimo, e aproxima sua boca da dela. Não a beija. Apenas deixa seus lábios roçarem os dela — um toque seco, invasivo, repulsivamente delicado. Um quase-beijo que mais parece uma provocação sádica, um domínio imposto no silêncio da dor.

— Você não percebe que aqui, agora, neste lugar e no que ainda te resta de vida, eu sou seu único amigo?

Márcia abaixa a cabeça, vencida pelo cansaço, e as lágrimas escorrem silenciosas. Pereira se aproxima lentamente, envolve-a num abraço que imita consolo, mas carrega a frieza do predador. Seus dedos deslizam pelos cabelos dela com uma delicadeza que mais perturba do que conforta — um gesto ambíguo, entre a falsa ternura e a reafirmação do poder.

A noite começa a cair, trazendo consigo um clima pesado e melancólico que lentamente se instala na casa do sítio. O silêncio é denso, quase incômodo. Marcos, inquieto, anda de um lado para o outro com a ansiedade à flor da pele. Para quebrar o peso do momento, pede um cigarro a quem estiver por perto. Paulo responde com um seco "não tenho", e Carlos, sem disfarçar o incômodo, também recusa e sai da sala irritado. Marisa, por sua vez, limita-se a dizer que não fuma, num tom neutro que apenas reforça o distanciamento entre eles.

— Porra! Nem pra isso você serve companheira?

— O que é Marcos? Me deixa em paz cara, o que eu te fiz? Você não gosta de mim, posso até entender, mas me dá uma trégua, você não percebe que eu não estou aguentando essa merda? Cacete, se você tem algum tipo de recalque comigo resolva, mas por favor resolva logo, eu não estou te aguentando mais.

— Recalque? Recalque? Só o que me falta, a branquinha, loirinha, sulista perguntando para o nordestino encardido se ele tem recalque. Devo realmente ter algum, não havia pensado nisso, olha você me

surpreendeu. Encantado com a sua sensibilidade.

— Companheiro vamos parar com isso, não é hora de cuidarmos de nossas diferenças particulares. — Paulo interveio.

— Que teatrinho lindo. O idealista do grupo defendendo a namoradinha do outro companheiro, coisas que nem mesmo ele faz. O inocente da revolução lutando pela paz nacional. Ou será que na verdade o idealista está defendendo tanto a garotinha mimada achando que ela possa olhar pra ele com uma certa caridade? — Marcos voltou a usar de ironia e deboche.

— Marcos não me faça perder a postura contigo. Estou tentando ignorar suas palavras desde que entramos nessa casa. Mas você faz questão de dificultar a minha a vontade. — Paulo demonstra irritação em sua fala.

— Ufa! Não aguentava mais você me chamando de companheiro. Finalmente um pouco de normalidade no seu ser. — Marcos provocou.

— Marcos... — Paulo advertiu.

— Desculpa, me perdoa mesmo, juro apenas que tive a intenção de trazer consciência para a sua existência pobre e útil, seu riquinho de merda! Você é uma fraude, cheio de modos, bem tratado, estudou em ótimos colégios, você não sabe merda nenhuma! Entrar para a luta armada pra você é a mesma coisa que entrar para a igreja, para a Cruz Vermelha. Cheio de boa vontade, altruísta. Você é uma merda, de todos nós aqui, você é o que mais tem que se fuder, sabia?

— Pare Marcos! — Marisa advertiu.

— Parar uma porra! Esse merda entrou pra luta pra se livrar da culpa católica, pra matar o pai e comer a mãe, pra se redimir da culpa de ser burguês.

— Cala a boca Marcos. — Marisa ordenou no sentido de tentar estabelecer o controle da situação.

Paulo começa a chorar.

Marcos percebe que se exaltou.

— Vou me calar sim. Me calar lá fora.

Paulo, com os olhos marejados e o rosto contraído de dor e fúria contida, enxuga as

lágrimas com as costas da mão, como quem tenta apagar a humilhação. Seu olhar fixa uma garrafa esquecida sobre a mesa, e algo muda em seu semblante — a fragilidade dá lugar a um impulso cego. Em um rompante, ele avança, agarra a garrafa e a estilhaça contra o canto da parede.

Os cacos se espalham, mas ele mantém o gargalo quebrado entre os dedos, agora transformado em arma. Sem hesitar, corre na direção de Marcos com um grito rasgado na garganta, a raiva acumulada explodindo em desespero.

Marcos tenta se desviar, mas não é rápido o suficiente — o vidro rasga a pele de sua mão, deixando um corte profundo.

— Filho da puta! Minha mão porra!

Num impulso brutal, Marcos desfere uma cabeçada certa em Paulo, que cai no chão, desacordado, como um peso morto. O som seco do impacto e o corpo desabando ecoam pela casa, rompendo o silêncio denso.

O tumulto atrai Carlos, que retorna apressado do lado de fora. Ao entrar, ele se depara com a cena caótica: Paulo estirado no

chão, imóvel; Marisa agachada ao lado dele, em pânico, tentando verificar se ainda respira; e Marcos, com a mão ensanguentada, ainda ofegante, mas mantendo o sorriso sarcástico nos lábios, como se o sangue escorrendo entre os dedos fosse apenas mais um detalhe na encenação grotesca.

—Ele está apenas desmaiado. —Disse Paulo.

—Pelo menos ele nos proporcionou momento agradáveis de ação. —Marcos comentou olhando para a mão que sangrava.

—Deixa eu dar uma olhada nessa mão.
—Carlos se ofereceu para ajudar.

—Não, não precisa. —Marcos recusou.

—Para com isso, Marcos. Deixa-me ver.

Marcos, ofegante e ainda tomado pela adrenalina, estende a mão ensanguentada com relutância. Carlos se aproxima em silêncio, tenso, e segura o pulso do companheiro com firmeza.

Examina o ferimento com cuidado, apalpando a região inchada até sentir a

resistência do vidro cravado na carne. O sangue continua a escorrer, espesso, quente.

— Tem um pedaço de vidro aí dentro.

Marcos desvia o olhar, a expressão endurecida por uma dor que não é só física.

— Porra!

Carlos tenta arrancar o vidro de dentro da mão de Marcos com a faca. Marcos grita. Diz a Carlos que vai matar Paulo ao que é advertido por Carlos.

— Se você não se controlar é capaz de matar todos nós.

Carlos segurou firme a mão dilacerada de Marcos, enquanto, com a outra, conduzia a lâmina contra o pedaço de vidro cravado na carne. O sangue jorrava quente, escorregadio, e o suor em sua testa se misturava à tensão que fazia seus músculos tremerem. Marcos se contorcia, os dentes cerrados, os olhos vidrados de dor, até que não resistiu e começou a gritar. O som agudo ecoou pelas paredes como um alarme, desesperado e fora de controle.

Num impulso rápido, Carlos arrancou a própria camisa e a empurrou contra a boca de

Marcos, tentando abafar os gritos antes que fossem ouvidos do lado de fora. Precisavam ser discretos. Qualquer som além do aceitável poderia selar o destino de todos naquela casa. Marcos, mesmo sufocado pela dor, compreendeu o gesto e assentiu com a cabeça, os olhos marejados e pulsando raiva.

Carlos voltou ao trabalho. Seus dedos escorriam em sangue enquanto tateava o vidro, agora visível, reluzindo sob a luz fraca e trêmula. Com um último esforço preciso, puxou o fragmento para fora da mão de Marcos. No mesmo instante, o corpo do companheiro enrijeceu e depois cedeu. A dor fora tão intensa que o desmaiou. Marcos tombou como um peso morto, e Carlos o segurou a tempo de evitar a queda.

Por alguns segundos, tudo ficou em silêncio. Apenas o som da respiração ofegante de Carlos preenchia o ambiente, enquanto ele encarava o vidro coberto de sangue em sua mão trêmula.

Capítulo 13

Prazer na dor.

Marisa está entristecida, corpo e mente cansados, uma sensação de que a batalha está longe de acabar. Os conflitos entre eles deixam claro que objetivos para serem alcançados dependem não apenas da vontade individual, mas do compromisso de todos em meio às dificuldades que surgem.

Ela começa a chorar enquanto Paulo desperta de seu desmaio. Ela vai até ele e o abraça na intenção de lhe transmitir conforto. Marisa o olha nos olhos, passa a mão em seu cabelo e faz um carinho. Paulo parece hipnotizado por ela, começa a se levantar e aproxima seus lábios aos lábios de Marisa. Carlos que estava do lado de fora da casa retorna e vê a cena.

— Acho que Marcos agora vai nos dar um pouco de sossego...

Paulo e Marisa se afastam subitamente com a chegada de Carlos que interrompe o que ia dizer, quando se depara com os dois juntos.

— Não é nada disso que você pode estar pensando. Nós estávamos apenas... — Paulo é interrompido por Carlos.

— Se o companheiro já está repostado pode montar guarda lá fora. É uma ordem e ordens não são feitas para serem debatidas. Apenas cumpridas. Concorda comigo?

Paulo se levanta, pega sua arma e vai para fora da casa, com expressão de constrangimento.

— Se ele quisesse matar o Marcos ele tinha usado o revólver. Ele queria machucar. Só machucar. — Disse Marisa, não menos constrangida.

— Às vezes é só o que as pessoas querem, não é? Só machucar. Que porra é essa Marisa?

— Calma, Carlos.

— Calma? Você quer que eu tenha calma? Tem noção do que está me pedindo?

— Eu estava aqui, o Marcos começou a me ofender, eu comecei a chorar e o Paulo me defendeu.

— Agora ele é o seu defensor?

—Eu te amo porra! Ainda não deu para perceber isso?

—Olha garota. Eu estou de olho em você, toma cuidado. Cheguei de muito longe para cair de bobeira.

—Pelo amor de Deus você não está pensando...

—Não estou pensando nada. Apenas quero ter a certeza de que o plano vai seguir até o fim. Espero que o idiota idealista não converta a sua cabeça. Eu não entrei nessa por grana. Mas, agora me parece que a grana é a única coisa que resta. É o nosso único elo com a humanidade lá fora. Eu poderia ter executado os dois no caminho. No meio do mato. Eu vinha caminhando por detrás, mas dois cadáveres é muita coisa para esconder. Dois corpos é muito rastro para deixar para trás. Provavelmente vamos precisar deles ainda. Mas escuta bem o que eu estou te falando. Se eu te pegar fazendo merda eu executo os dois, os três e vou embora sozinho. Tá me entendendo?

Carlos segura o braço de Marisa com força ao pronunciar a última frase.

— Você está me machucando. Você quer me matar? — Marisa reclama, tentando se livrar.

— Como eu já disse. As vezes a gente não quer matar. Só quer machucar um pouquinho. Não é mesmo?

— Meu braço...

— Só tem uma coisa. Eu não quero ser machucado de novo. Tá me entendendo?

— Então me puna. Me machuca vai. Me puna por te fazer sofrer.

Marina tira a blusa, mostrando as costas marcadas por várias cicatrizes. Ela fica de joelhos, de costas para Carlos e de forma submissa.

— Pune vai. Pune por favor.

— Eu não caio nessa. Não é hora de te fazer gozar. Sei que você sente prazer com a dor. A dor física não te atinge e ninguém é capaz de ferir teu corpo. Eu não estou a fim agora.

Carlos se abaixa e pega o queixo de Marisa.

—Se um dia eu quiser te causar dor de verdade eu vou causar dor na sua alma. Essa não vai te fazer gozar.

Marisa olha fixamente para Carlos. Ele joga a blusa para ela novamente e sai. Marisa fecha os olhos e passa a mão sobre as cicatrizes. Em seu rosto uma expressão de prazer contido.

Alvarenga prosseguia em seu intento pela estrada poeirenta e de chão batido. O trecho era bem conhecido por ele, mas, instintivamente, ele parava o carro em intervalos variados para certificar-se de que estava seguindo no sentido correto, uma prática metódica de um caçador contumaz que não se exime de ir a fundo em perseguição à sua presa.

Em determinado ponto ele volta a parar o carro, repete o ritual de retirar o mapa do porta luvas, abre a janela para entrar um pouco de ar, sai do veículo com o mapa na mão, ajeita o paletó e a gravata e olha ao redor como um cão farejador.

Abre o mapa sobre o capô do carro e analisa atenciosamente cada ponto do mapa.

Junto, está um envelope com algumas fotografias da casa do sítio. Por suas observações ele percebe que não está distante. Retira uma caneta do bolso situado na parte interna do paletó.

É uma caneta esferográfica modelo Crown americana, de cor dourada. Ele a retira do bolso e a olha com estima. Foi recebida de presente juntamente com uma medalha de honra ao mérito por serviços prestados à nação.

As imagens do dia em que foi presenteado vem a sua mente como um flashback raro e inesquecível. Recebera o presente da mão de um importante general, assim como a medalha.

Faz um pequeno movimento giratório e a ponta da esferográfica aparece. Em seguida desenha um rabisco no envelope para conferir a tinta e faz várias marcações nas fotografias da casa. Enquanto faz as marcações vai falando em pensamento. — Se estiverem aí vou pegar vocês, seus putos.

Com novo movimento giratório ele recolhe a esferográfica e a retorna ao bolso do paletó. Dobra o mapa, o recoloca no porta luvas e se prepara para seguir ao encalço de suas

presas. Em sua mente já imaginava recebendo novas homenagens, novas medalhas, novos presentes, participação em jantares de gala com muita comida, muita bebida, festas, mulheres e a elevação de prestígio.

Muita conquista para um homem originário do campo, daquelas próprias bandas, onde por muitos anos fez percursos a pé ou em lombo de burro, da infância difícil na roça, tendo de trabalhar duro para ajudar os pais a criarem os vários irmãos, na lida em um pedaço de terra arrendado.

Em segundos as lembranças fogem de sua memória como se algo o alertasse para permanecer no foco da missão a que fora designado. Alvarenga dá partida no carro e acelera deixando poeira e o passado relembrado para trás.

Pereira senta-se à frente de Marcia novamente. Ele a observa com expressão de ternura, como se desejasse obter a confiança dela.

Marcia, Marcia, Marcia...O que está havendo contigo meu anjo? Não confia em

mim? Me ajuda a te ajudar, ou serei obrigado a te deixar sozinha com o Pedrão. É melhor você falar. Quantos são? Onde estão?

— Vá se foder!

— Que coisa feia para uma estudante universitária dizer. É isso que ensinam nas universidades?

— Vai tomar no seu cu, desgraçado. Me mata infeliz!

— Você não está me deixando outra alternativa. Eu não vou te matar, mas provavelmente você vai implorar muito pra morrer.

— Não vou falar nada. Não vou te ajudar em nada. — Marcia gritou, numa mistura de raiva e desespero.

Pereira se levanta lentamente, como se cada movimento calculado carregasse o peso de algo obscuro. Caminha até a porta de ferro, cujas dobradiças rangem como um aviso sombrio quando ele a empurra.

Do outro lado, o corredor se estende em sombras densas, quase engolindo a silhueta de um homem que espera imóvel. É Pedrão. Um

breve sussurro entre eles — palavras abafadas, incompreensíveis — e ele acena com a cabeça, obediente.

Sem trocar uma palavra a mais, os dois avançam em direção a Márcia.

Ela está ali, sentada, nua e com frio, tremendo levemente; a cabeça baixa e os olhos opacos de exaustão. Não percebe a presença deles. Não percebe quase nada. O tempo já não tem significado para ela.

Então, com um simples gesto de Pereira, o horror se materializa.

Pedrão se move com precisão. Cordas são desenroladas. Em poucos instantes, Márcia é erguida, pendurada de cabeça para baixo, amarrada pelos tornozelos, balançando suavemente como um pêndulo humano. O silêncio é absoluto — exceto pelo som do seu próprio sangue pulsando nas têmporas, como um tambor de guerra distante.

— Vamos ver se com o sangue circulando isso a ajuda pensar um pouco.

Marcia é colocada pendurada de cabeça para baixo, completamente nua, sob os olhares de Pereira.

De algum lugar obscuro nas entranhas do porão, rompendo o silêncio como lâminas invisíveis, ecoam gritos dilacerantes — não apenas sons de dor, mas lamentos primitivos, carregados de um desespero cru, quase animal.

Gemidos entrecortados se misturam a choros sufocados, como se dezenas de almas presas naquele ventre de concreto suplicassem por alívio ou pelo fim.

Cada ruído reverbera nas paredes úmidas, criando um coro macabro que parece pulsar junto com a própria escuridão, viva e faminta.

Ali, o sofrimento não é um acaso. É rotina. É ritual.

Capítulo 14

Jogo x poder.

A casa do sítio respirava um silêncio espesso, como se as paredes carregassem o peso do que ali acontecera instantes antes. A tensão entre Marcos e Paulo era palpável, impregnando o ar com uma eletricidade silenciosa após o confronto brutal entre os dois.

O clima na casa oscilava entre o amargo silêncio e a iminência de uma nova explosão. Marcos, mesmo ferido, mantinha a postura firme, tentando controlar o caos interno que o consumia.

Paulo, por sua vez, guardava um silêncio calculado, denso, como se a qualquer momento fosse cuspir veneno. A confiança entre eles havia se despedaçado como a garrafa da agressão.

Agora, cercados por lembranças e ressentimentos, encaram-se em uma espécie de armistício tenso — um jogo onde o próximo movimento pode custar caro.

— Eu não tenho medo de você, mesmo depois do que você tentou fazer. Olha a minha mão, que merda. — Disse Marcos ao se aproximar de Pedro que apenas o observa em silêncio.

— Acho que você me considera o vilão dessa história, não é? — Marcos insiste na abordagem, enquanto Paulo nada diz.

— Apenas acho que a minha maneira de dizer determinadas coisas podem soar como sendo agressivas, mas na verdade é o meu jeito, não suporto mentiras. — Marcos insiste na proposição de um diálogo.

— E onde o companheiro enxerga tantas mentiras? — Paulo responde com um olhar enviesado.

— Enxergo mentiras em todos os lugares onde dizem pregar a verdade. — Marcos responde andando de um lado para outro segurando a mão machucada e enrolada num trapo de pano gasto e ensanguentado.

— Só estamos aqui eu e você. Me diz o que tem de errado? — Paulo indaga olhando para Marcos que anda de um lado a outro como um cão inquieto.

—O companheiro já serviu. Já estive na caserna e tem treinamento militar. Sabe atirar muito bem e, fala alguns idiomas. Tem até um bom conhecimento em explosivos, não é verdade? —Marcos inquiriu, tentando propor algum tipo de jogo naquela disputa.

—Exatamente companheiro. Por isso estou aqui.

O ambiente estava carregado de desconfiança, como se cada palavra fosse uma peça cuidadosamente movida num tabuleiro invisível.

Marcos, ferido e inquieto, buscava respostas, mas também testava limites. Andava de um lado a outro, o olhar tenso, a mão envolta em um pano sujo de sangue — uma lembrança recente do embate que quase terminou em tragédia.

Paulo, por sua vez, mantinha a compostura, frio, quase impenetrável, mas atento a cada nuance do diálogo. Ambos sabiam que aquele encontro ia além de desculpas ou ressentimentos: havia algo não dito, uma verdade enterrada sob camadas de acusações veladas.

Marcos insinuava saber mais do que dizia, tentando puxar Paulo para um jogo de revelações forçadas. Paulo, cauteloso, respondia como quem mede o peso de cada sílaba.

No fundo, nenhum dos dois confiava no outro, mas estavam presos por interesses que os obrigavam a continuar ali — jogando, blefando, vigiando. Como dois soldados em lados opostos de uma mesma trincheira.

—É o que acho. E é exatamente por isso que o companheiro deveria estar em outro lugar, aonde fosse mais útil. —Marcos inferiu, forçando o jogo.

—Eu me sinto útil aqui. Me sentia, até antes de tudo isso acontecer. —Paulo retrucou ainda medindo as palavras.

—O companheiro é tudo isso que concordamos há pouco, mas também é uma coisa a mais. É um idealista, fiel a suas convicções. —Marcos persiste na ofensiva.

—E no que isso tem a ver? —Paulo responde com certo desdém, pelo fato de Marcos ter constatado o óbvio em sua autopercepção.

—Tem a ver que o companheiro jamais aceitaria assaltar uma instituição bancária para tirar proveito próprio. Estou certo? —Marcos busca uma resposta mais assertiva.

—Companheiro, o seu raciocínio está um tanto conturbado. —Paulo persiste desdenhando das abordagens de Marcos.

—Não companheiro. Todos fomos longe demais e o companheiro ainda está aqui por ser útil. —Marcos insiste em obter respostas mais assertivas. —A pergunta que faço é: quando não for mais útil não será descartado como foram os que já vimos cair?

Paulo demonstra certo incomodo com as abordagens e reage com ar de suspeita, porém sem dizer nada. Mas, Marcos insiste.

—A única maneira que temos de sair desta é nos unindo. —Marcos se aproxima de Paulo, diminui o tom de sua fala e quase cochicha ao ouvido de Paulo. —O casalzinho; é o casalzinho, eles estão juntos! Eu sei que o companheiro tem uma certa atração pela companheira Marisa e eu posso dar uma mão...

—Agora você foi longe demais. —Paulo interrompe.

— Calma amigo. Se o amigo não tivesse me ferido eu teria as duas mãos, mas ainda tenho uma mãozinha para te ajudar. Não é mesmo? Marcos mostra as mãos para Paulo, dando destaque a mão machucada e sangrando, enrolada num pedaço de trapo sujo.

— Eu tenho sentimento pela causa. Fora isso é tudo ilusão. E toda ilusão deve ser descartada. — Paulo, enfim dá uma resposta um pouco mais assertiva.

— Eu sei, eu sei. Mas o que o companheiro vai fazer quando essa guerra acabar? Não sonha em ser um homem normal? Vida normal? Uma bela esposa, filhos, e tudo mais?

— Sonhos... — Paulo desdenhou.

— Mas não é exatamente esse o motivo do companheiro estar lutando? Transformar sonhos em realidade? E por que não transforma os seus sonhos mais íntimos em realidade? Olha eu não estava mentindo. Falei que acabou a razão da nossa participação nisso tudo. Quando estávamos na cidade, um pouco antes do assalto, da expropriação, eu ouvi pelo rádio que os militares tinham dominado tudo. Assumiram o controle e muitos de nossos

companheiros foram mortos. Eles deram uma lista de nomes pelo rádio.

— Eu também ouvi isso, mas não posso acreditar que seja verdade. É propaganda deles. Eles querem nos fazer acreditar que venceram.

— Olha à sua volta. O que você vê?

Paulo se silencia. De certa forma ele sente que Marcos pode estar com razão, mas prefere não se manifestar.

— Eu vejo que ninguém me dá nenhuma razão para lutar. — Disse Marcos.

— E o que o companheiro quer fazer?

— Eu tenho um plano.

— Plano? Que plano? — Paulo indagou com um olhar de espanto.

— O companheiro fica na casa com a Marisa e eu saio com Carlos. Digo que vamos procurar uma saída juntos. Mas, volto só eu. Entendeu?

— E o que vai fazer?

— Isso é assunto meu. Volto pra casa para te buscar, pegamos todos e saímos. Você

segura a onda aqui. O companheiro sabe que no fundo tenho muita estima por você.

— E Marisa?

— Metade, metade... se ficarmos só nós dois e o companheiro quiser, o companheiro fica com a garota. Carlos não se mete e não irá atrás da garota. — Marcos ponderou.

— Não posso acreditar nisso, é uma monstruosidade. Todas as pessoas que dependem de nossa luta, todos os trabalhadores que estão sofrendo a repressão... — Paulo manifestou concordância e dúvida.

— Companheiro, aprenda uma coisa. O sábio não fala. Apenas escute. Quem fala é o tolo. Fique em silêncio. Pense. Faça uma análise com frieza. Apenas, seja rápido. Não temos muito tempo. Ou fazemos isso ou Carlos fará isso com a gente.

Paulo afastou-se. A conversa de certa forma o incomodou. Lá fora o sol da tarde projetava sombras longas pelo chão.

Marcos parou de andar de um lado a outro. Recostou-se numa cadeira; a mão ferida mal enfaixada no pedaço de trapo sujo repousava sobre o colo de modo a amenizar a

dor latejante. O sangue seco exalava um odor fétido. Havia algo de calculado em sua postura, como se cada gesto fosse parte de uma estratégia bem ensaiada. Mesmo ferido, mantinha o olhar firme e um leve sorriso no canto da boca. Ele sabia que havia plantado a dúvida — e agora, regava o silêncio.

Paulo tentava manter os pensamentos organizados, mas tudo parecia escorrer por entre os dedos. As certezas já não eram tão firmes. O idealismo, que antes lhe servia de armadura, agora parecia uma roupa apertada demais. O que restava da causa, ou quem ainda lutava lá fora passou a ser uma pergunta sem resposta dentro de sua mente cansada.

Pensou nos companheiros que haviam caído. Pensou em Marisa e até mesmo em Carlos; e na possibilidade real de nunca mais ver nenhum deles da mesma forma.

A ideia de fugir, antes impensável, agora se acomodava lentamente em sua mente como uma alternativa possível, embora não desejável, mas, que já se parecia, talvez, necessária.

O peso da dúvida era mais insuportável do que o peso da certeza.

Capítulo 15

Incertezas.

Na sala da casa, após ter andado pelas imediações na companhia de Carlos, Marisa expressava sua exaustão. Estava com fome, sede e uma crescente inquietação que a fazia questionar o tempo que permaneciam ali.

Carlos, embora também sentisse os efeitos do desgaste físico, mantinha-se mais preocupado com seus pensamentos do que com o desconforto do corpo.

A situação era tensa, mas ele se esforçava para manter o controle, tentando silenciar as angústias de Marisa com uma calma estratégica.

Ela mencionou Márcia, demonstrando preocupação com o destino da companheira, temendo que já tivesse os entregado.

Carlos, no entanto, parecia seguro de que isso não acontecera. Explicou que, naquele ponto, já estariam comprometidos se ela tivesse dito algo.

Marisa continuava inquieta, questionando o que estavam esperando e por que ainda não haviam fugido dali.

Com voz mais baixa, mas firme, Carlos tentava convencê-la de que estavam seguros. Explicou que não estavam na casa que Márcia conhecia, mas em outra, ao norte, diferente da localização original.

Essa informação, até então omitida por ele, era revelada como parte de um plano mais amplo de proteção. Quando Marisa o questionou sobre o motivo de não ter contado isso antes, Carlos respondeu que ninguém precisava saber.

O clima entre eles era de tensão crescente, mas havia uma lógica por trás do silêncio de Carlos — um instinto de sobrevivência, ou talvez uma estratégia cuidadosamente pensada.

Ainda assim, a incerteza permanecia no ar, pairando entre a desconfiança e a necessidade de confiança mútua. Marisa, mesmo sem resposta completa, percebia que havia mais segredos escondidos naquela casa do que ela podia imaginar.

Enquanto Carlos e Marisa conversavam sobre suas dúvidas Paulo adentrou a sala e indagou sobre o teor da conversa, dando a entender que tinha ouvido algo que não deveria.

—O que ninguém precisa saber companheiro? — Paulo perguntou desconfiado.

—É muito feio ouvir conversas por trás das portas. — Carlos respondeu com censura.

—Pensei que não tivéssemos segredos em nosso grupo e que independentemente de onde fosse o aparelho a verdade passaria entre portas e janelas. — Paulo inferiu.

—E não temos companheiro, mas a conversa de um casal não interessa a mais ninguém. — Carlos respondeu com certa irritação.

—Agora é oficial! Parabéns! Se assumiram como um casal? Finalmente. — Paulo provocou com ironia.

—Nunca foi segredo. — Carlos pontuou.

—Quando esse casal faz parte de um grupo em fuga, a conversa interessa e muito, companheiro. — Paulo advertiu.

—O que te interessa companheiro? O que minha mulher gosta na cama? Te interessa nossa intimidade? —Carlos demonstra mais uma vez irritação aos questionamentos de Paulo.

—Como vocês conseguem encontrar tempo para pensar nisso? Que engraçado... — Paulo questiona Carlos em tom provocativo.

—Está com tesão na minha mulher não é companheiro? Está claro no seu rosto. — Carlos devolve a provocação, envolvendo Marisa que reage.

—Carlos, por favor! Pare com isso.

—Parar com isso? Me diga, estou louco? Quem sabe estou doidão? Devo ter fumado alguma erva, tomado algum comprimidinho e estou vendo coisas. Afinal, se demoro mais um pouco ia pegar os dois trepando aqui. — Carlos se descontrola.

— Tá louco? Eu tinha acabado de desmaiar. Tudo porque entrei numa discussão para defender a sua mulher. Coisa que você não fez. —Paulo o provoca e Marisa entra na discussão.

— Carlos. o que está pensando de mim?
Já discutimos sobre isso e esse assunto já está resolvido.

— Será que está resolvido, Marisa?

Carlos olha para Marisa e sai da sala, deixando-a a sós na companhia de Paulo.

— Companheira Marisa, queria me desculpar pelas coisas que teve que ouvir por minha causa.

— Faz parte da luta companheiro Paulo, os nossos ânimos estão alterados.

— Companheira, tem algo que está me preocupando e preciso lhe perguntar.

— Do que se trata Paulo?

— A companheira sabe que de todos é a quem eu mais confio.

Marisa começa a prestar mais atenção no que Paulo tem a dizer.

— O companheiro Marcos me disse...

— Marcos é um louco, alucinado. Não sei por que Lucas tinha recrutado esse cara. já estou cansada desse sujeito.

— Marisa, você não me deixou terminar de falar.

— Não me interessa o que tem para dizer vindo desse sujeito. — Marisa argumenta, levanta-se e sai da sala.

Carlos aumentara sua desconfiança com a aproximação sutil entre Paulo e Marisa. Suas percepções e ilações o deixavam em alerta. O tempo de confinamento e a tensão que os envolvia havia aguçado suas suspeitas, e ele já não sabia se Paulo permanecia ali por lealdade à causa ou por outros motivos.

O jeito como Paulo falava com Marisa, a calma com que se dirigia a ela, tudo parecia calculado — e isso incomodava profundamente Carlos. Aos poucos, o ciúme ia se misturando à paranoia política.

Ele não conseguia disfarçar o incômodo quando os via juntos, mesmo que fosse por necessidade. Sentia-se traído, ainda que não houvesse traição alguma.

O controle da situação parecia escapar-lhe, e isso o inquietava. Afinal, num cenário onde ninguém confiava em ninguém, qualquer sinal de proximidade é uma ameaça.

Por outro lado, Paulo parecia tentado pelas palavras e propostas oferecidas a ele por Marcos, que se aproveitava da situação passional que ocorria na casa para tramar sua manipulação.

Marisa, de certa forma, sem que ela tivesse criado tais situações, se percebia envolvida de uma forma desleal em uma trama que fugira do controle, deturpando o foco do grupo para o objetivo principal que os havia unido.

Marcia está desacordada, nua, pendurada de cabeça para baixo. Pereira faz sinal para Pedrão e ele liga uma chave. Márcia recebe uma descarga elétrica.

— Dorme não, acorda princesa! — Diz Pereira em tom sádico.

— Vá pro inferno seu porco!

— O inferno é um clube do qual eu já faço parte e na verdade é um lugar aonde eu vou quando quero descansar das minhas atribuições do dia a dia. Hoje por exemplo, você está me fazendo ter um dia extremamente duro. Pedrão liga a chave. — Pereira ordena mais uma

vez. Se afasta, vira as costas, pega um cigarro e acende. Olha pra Márcia e dá um sorriso.

— Quer um cigarro? Estou tentando parar, dizem que mata, mas sabe como é, a vida é engraçada, tudo é vício. — Pereira usa de uma ironia aterradora ao dizer as palavras. — Todo mundo vai morrer. A questão é quanto tempo você vai levar até morrer. Eu estou te dando uma chance de aumentar seu tempo de vida.

— Pega a sua chance e enfia no cu da sua mãe! — Marcia fala com raiva misturada à dor e aos choques elétricos em seu corpo.

— Talvez o cigarro me mate, mas vai levar muito tempo; quer um trago?

Marisa cospe sangue na cara de Pereira e em sua camisa branca.

— Mulheres... Já não chega a preocupação que eu tenho em chegar em casa sem marcas de batom, agora eu terei que chegar em casa e vou explicar o quê pra minha mulher? "Querida, não é nada disso que você está pensando, é apenas o sangue de uma jovem com quem me envolvi no trabalho". — Pereira fala com voz de deboche, tal qual uma dublagem sarcástica ou imitação barata de

alguém em histeria. Ele se aproxima de Marcia e a segura pelo queixo. — Abre o bico senão não dura até o final do dia.

Marcia move a mandíbula e morde a mão de Pereira que dá um grito.

— Cadela filha da puta! Pedrão, tira ela daí. Agora ela vai ganhar um dia de tratamento especial no nosso salão de beleza.

Márcia, mesmo exaurida, ainda exalava fúria. Sua raiva era instintiva, feita de orgulho ferido e uma última centelha de humanidade. Ela resistia com o pouco que lhe restava, e aquilo parecia ofender Pereira mais do que qualquer insulto.

Ele limpou a camisa manchada com um lenço branco, mais preocupado com a aparência do que com a origem do sangue. Diante da sua frieza, até o sadismo ganhava um verniz de normalidade.

O cinismo de Pereira se transformou em fúria. O ambiente voltou ao seu estado de sombra e opressão.

O corpo de Márcia pendia, exausto, mas ainda vivo. Havia dor em cada músculo, mas também havia dignidade.

Naquele porão, cercada por monstros e pelo horror, ela ainda era humana. E isso, no fundo, era sua maior resistência.

Capítulo 16

Preparando a saída.

Marcos andava de um lado para o outro, inquieto, enquanto Carlos se aproximava lentamente em sua direção. O clima era tenso, mas havia uma leve brisa no ar que parecia suavizar o ambiente ao redor.

Carlos observou a expressão de Marcos, tentando captar algum sinal de dor ou desconforto, especialmente em relação à sua mão ferida. Marcos notou o olhar e respondeu com um sorriso contido, minimizando a dor. Apesar da tensão, havia um certo alívio em sua voz e em seus gestos.

O curativo feito às pressas por Carlos havia ajudado, ainda que fosse algo improvisado. Marcos reconheceu o cuidado, mesmo que tivesse se esquecido de agradecê-lo antes. Comentou que a dor havia diminuído, o que lhe dava uma sensação de conforto, ainda que momentânea.

Carlos, por sua vez, demonstrava uma leve preocupação, temendo que o imprevisto pudesse não ser suficiente para evitar complicações maiores.

O tempo parecia correr mais devagar naquele momento. O silêncio imperava nos arredores da casa e cada som parecia amplificado pela tensão que pairava no ar.

Carlos sugeriu que voltassem para dentro de casa. Permanecer ali fora era arriscado, e não era prudente continuar se expondo sem necessidade.

Marcos assentiu. Enquanto caminhavam, o silêncio entre eles era carregado de significados não ditos — uma mistura de preocupação, cumplicidade e a estranha calma que precede acontecimentos importantes.

A noite se aproximava lentamente, e com ela, a sensação de que algo maior estava prestes a acontecer. Cada movimento, cada olhar trocado, parecia carregar mais do que simples intenções.

Era como se o curativo na mão de Marcos fosse apenas o início de uma ferida mais profunda, que ainda estava por vir.

Marcos, ainda tenso, olhou para Carlos e fez uma pergunta.

— E o idealista? O que vai ser feito com ele?

— Meu querido Chiquinho, ele vai ser dado de brinde para os milicos quando chegar a hora. Aí já estaremos curtindo "los puros" em Havana.

Marcos reagiu apontando sua arma para Carlos.

— Nunca mais repita meu nome verdadeiro, ouviu?

— Calma, não precisa se apavorar, ela não sabe nada da gente.

Carlos tentou acalmar os ânimos, mas Marcos não parecia convencido e queria saber o que fariam com ela. Carlos, mantendo o controle, afirmou que decidiriam no momento certo. A resposta, no entanto, não satisfez Marcos, deixando escapar um comentário provocador.

— Qual será a hora certa? A hora que você descobrir que não gosta de buceta, só de cu?

— Aonde você quer chegar? — Carlos indagou.

—Já vi que essa fachada está ficando sólida demais para o meu gosto. Olha aqui Carlos. Traição tem limite. Não estou aguentando mais ver você com essa rachada.

—Fica calminho. Ela já está se enrabichando pelo companheiro Paulo.

—Se é uma xota que você quer, quando sairmos daqui com essa grana, da minha parte eu vou trocar de sexo e fazer uma bucinha para você não sentir falta. — Marcos se aproxima devagar, encostando o rosto no de Carlos, e roça suavemente os lábios na boca dele, deixando as palavras escaparem com um tom de sedução sutil na voz.

— Pare de besteira, ela está apaixonada por mim, mas eu não sinto nada por ela, ao contrário de você com o seu passado. Ela é apenas uma peça que estou usando. —Disse Carlos, se afastando de Marcos com um pequeno toque em seu peito.

— Só espero que o feitiço não se vire contra o feiticeiro.

— Já passamos tanta coisa juntos, aguenta mais um pouco, quem sabe você não precise mais chorar por amores do passado?

— Eu estou aguentando, estou aguentando até demais. A propósito, eu falei com o idealista sobre o plano.

— E ele?

— O que você acha? Ficou chocado. Como é inocente, dá até dó.

— Por isso ele tem que ser despachado por bem ou por mal. Esta inocência toda pode acabar nos atrapalhando.

— Também acho. Dá até raiva, como ele é certinho...

— Mas e o plano?

— Eu disse a ele que sairia com você para procurar ajuda. Ele ficaria com ela. Ou seja, o sonho dele. Eu disse que daria um jeito em você e que depois eu voltaria para pegar o dinheiro e ele, com a garota.

— Perfeito, eu fico de tocaia e quando você voltar com o dinheiro nós damos um jeito nele e fugimos.

— Nele?

— Nele e nela.

— Promete?

—Prometo.

— Então sela a sua promessa. —Disse Marcos olhando nos olhos de Carlos.

—Como?

—Com um beijo.

Carlos se inclina para perto de Marcos e lhe dá um selinho. Em seguida olha em volta para se certificar de que ninguém tenha visto.

— Tá com medo? Eu quero um beijo de verdade.

— Você quer colocar tudo a perder?

— Não, mas quero me perder em você quando a hora chegar.

Marcos segura Carlos pela nuca com a mão que está machucada e, sem um movimento brusco, traz o rosto deste junto ao seu e lhe dá um beijo de língua. Carlos afasta Marcos lhe empurrando apesar da resistência dele.

— Quando a hora chegar.

Em outro canto da casa Paulo e Marisa estão sentados, em silêncio. Não há troca de olhares. Cada qual com seus pensamentos perdidos no tempo e no espaço.

Marcos e Carlos se aproximam como quem traz alguma novidade ao grupo. Carlos olha para Marisa e Paulo e os dois abaixam a cabeça, demonstrando algum constrangimento.

—Já está mais do que na hora de partirmos. —Carlos lança um comentário aleatório.

—E alguém tem alguma estratégia? —a indagação de Marcos faz Paulo e Marcia levantarem a cabeça. Paulo questiona.

—Estratégia?

—Precisamos de alguma estratégia. — Marcos insiste.

—Eu andei pensando e acho que deveríamos nos dividir e encontrar uma maneira de fazermos contato com algum de nossos companheiros na cidade. —Paulo se manifesta.

—Acho que Paulo está certo. Precisamos de fazer contato com alguém de confiança e que possa nos ajudar fora daqui. —Carlos assentiu.

—Fora quanto tempo? — Marisa perguntou.

—O tempo suficiente para fazermos contato e voltarmos com água e comida. Disse, Carlos.

—Quem fica e quem vai? —Indagou Marcos desejando assertividade.

—Eu vou. Eu não consigo ficar aqui esperando.

—Ótimo. Eu vou junto. —Disse Marcos, encarando Carlos.

— Acho melhor você ficar aqui, afinal está machucado.

— Eu também acho melhor. —Paulo assentiu.

— E vocês pensaram em me perguntar o que eu acho? —Marisa indagou, sentindo-se preterida.

— Qual é Marisa? Minha companhia não te agrada? —Marcos fez nova provocação à Marisa.

— Meu Deus, o cínico. —Marisa comentou com sarcasmo.

Carlos segurando Marisa pelo braço a leva até o outro cômodo da casa.

— Chegou a hora de você ser forte e fazer a sua parte.

— E você vai me deixar aqui com esse cara?

— Por quê? Você queria ficar com o Paulo sozinha aqui?

— Puta que pariu Carlos, se fosse pra ficar com alguém aqui eu queria que fosse você.

— Não faz sentido, eu não confio em nenhum dos dois e tem mais, eles sabem que somos um casal, pra irmos embora e não voltarem é muito fácil.

— Mas o dinheiro está aqui

— Do que importa o dinheiro uma hora dessas? Se eu for tenho certeza de que eu volto para te buscar.

— Não me deixa sozinha. — A fala de Marisa foi interrompida com a entrada de Marcos no cômodo. Marcos aproveita para usar de mais ironia.

— E então? O tempo está passando, a discussão dos pombinhos vai demorar muito?

A confiança de Marisa em Carlos era forte, mas por outro lado ela sentia que ele não estava disposto a protegê-la.

— Não me deixa sozinha.

— Sem problemas companheira. Depois nos encontramos. — Disse Paulo, ao entrar no cômodo. — Em caso de urgência teremos como dar um jeito. Conheço bem as autoridades. Nada que um bom suborno não resolva.

Marcos olha para Carlos com cumplicidade.

— De jeito nenhum. O dinheiro é da causa. O dinheiro fica. Nós vamos sem dinheiro. Se formos pegos ninguém desconfia de nada. Além do mais, dentro de algumas horas estaremos todos juntos.

O silêncio naquela casa pesava mais que qualquer palavra não dita. Cada um dos quatro sabia, no íntimo, que havia ultrapassado uma linha invisível, onde o certo e o errado se confundiam em tons cinzentos. As escolhas feitas até ali, todas movidas por impulsos, medos e sobrevivência, agora exigiam um preço que nenhum deles sabia ao certo qual seria.

Carlos e Paulo cruzaram a sala sem se olhar, cada um carregando uma pequena trouxa nas costas — o mínimo necessário para seguir adiante. Não havia pressa, mas tampouco havia volta. Os passos que os levavam à porta carregavam não só os poucos pertences, mas um pouco de tudo o que havia sido dito e feito nos últimos dias. Entre eles, um pacto frágil, nascido da necessidade, sustentado pela urgência.

Marcos os observava da janela, de pé, calado, ao lado de Marisa. Os olhos fixos nas costas de Carlos denunciavam um vazio, um abismo entre o que sentia e o que já ousara dizer. Marisa, ao seu lado, apertava os braços contra o próprio tronco, algo como um auto abraço, tentando se proteger do que já intuía em seu íntimo.

Do lado de fora, Paulo hesitou antes de cruzar o portão. Carlos, ao perceber, virou-se rapidamente, como quem quer garantir que o outro não mude de ideia. Paulo apenas assentiu, num gesto breve, contido e seguiu. Ambos seguiram devagar pela estrada de terra, sem olhar para trás.

Dentro da casa, o silêncio voltou a reinar. Nenhum dos dois que ficaram ousou falar. As certezas haviam se dissolvido no ar, e tudo o que restava era a sensação de que algo importante havia escapado entre os dedos.

Capítulo 17

Grito no escuro.

No subterrâneo infame do regime, o porão exalava um cheiro nauseante de mofo, ferro oxidado e carne ferida. A escuridão era densa, opressiva, como se o próprio ar estivesse saturado de sofrimento.

Marcia jazia estirada no chão frio de concreto, onde a umidade costumeira do lugar se juntava ao suor de sua pele nua, desidratada, tingida pela cor opaca do sangue já seco misturado à sujeira do chão.

Seu corpo era um mapa grotesco de violência: braços roxos, costelas marcadas, rosto desfigurado por hematomas e cortes que jamais cicatrizariam por completo.

As mãos, outrora firmes e expressivas, agora tremiam num espasmo involuntário. Três dedos tinham as unhas brutalmente arrancadas, a do indicador direito pendia por um fio de pele e tendão, propositalmente poupada. Cada respiro, cada mínimo tremor do corpo fazia pulsar a dor, como se um prego em brasa estivesse cravado ali.

O grito que escapava de Marcia era um som espectral. Não era mais um grito humano, mas um ruído fraturado entre o gemido e o sussurro, um vestígio de voz corroído pela tortura.

A boca, ensanguentada, deixava escapar o gosto da violência, a cada tentativa de balbuciar uma súplica. Seus cabelos, arrancados em punhados, cobriam partes do chão ao redor como se fossem restos de um animal esfolado.

A solidão daquele lugar era absoluta. Nenhuma luz, nenhuma esperança, nenhum nome. Apenas o som abafado de sua respiração entrecortada, o eco longínquo de passos indiferentes e o terror silencioso do que ainda poderia vir.

Os passos que antes pareciam longínquos, soavam agora cada vez mais próximos com a aproximação sutil e ardilosa de Pereira, acompanhado de Pedrão.

—Então princesa. Gostando do nosso salão de beleza?

— Tratamento de miss. — Falou Pedrão com um sorriso carregado de sarcasmo e covardia.

— Sabe o que você é pra gente? Nada. Você é nada. Se já soubéssemos onde é a porra da casa onde seus amigos estão, a gente tinha soltado você. Sabe por quê? Porque os livrinhos que vocês leem, os discursos, a ideologia, isso tudo está furado; o que move o mundo é o dinheiro e é isso que a gente está procurando. Se a gente deixa quieto, aí a gente perde a moral, entendeu? E isso não pode.

— Eu não sei onde eles estão, eu não sei, o mapa não estava comigo, eu não sei o nome verdadeiro deles, eles não sabem o meu, eu não sei de nada.

— Mas tenta fazer uma forcinha vai. A gente tá começando a se dar bem. De repente você lembra. — Pereira olha para Pedrão com uma piscadela. — Dá um descanso pra menina. Deixe-a descansar um pouco pra pensar.

Pedrão dá um aceno com a cabeça e sai.

— Quando você era pequena, você tinha medo do escuro?

— Tinha.

— Por quê?

— Não sei. Medo de algum monstro.

— Eu vou apagar a luz. Fica tranquila e sossegada. O único monstro que tem aqui sou eu. Eu vou te dar um tempo. Quando eu voltar eu espero que você tenha se lembrado de alguma coisa.

Pereira apaga as luzes e sai. A escuridão do lugar se torna ainda mais intensa. Marcia desata a chorar e seu choro rompe o silêncio. Um murmúrio cortante que ecoa pelos corredores e pavilhões.

Na casa do sítio Marcos e Marisa estão sentados no chão em silêncio, cada qual em seus pensamentos. Marcos vislumbra em pensamento que Carlos dê um fim em Paulo e retorne para buscá-lo. Marisa por sua vez desenvolve seus pensamentos desejando o retorno de Carlos para perto dela. Entre os dois a ideia de um convencer o outro de que devem administrar suas diferenças, amenizar o conflito, deixar as rugas de lado.

— Eu estou muito confusa com toda essa tensão, Marcos. Eu estou gostando muito do Carlos, mas esta situação...como é difícil de gostar de alguém assim. — Marisa, tenta se abrir com Marcos começando por um sentimento pessoal.

— Sei bem como é isso. — Marcos faz um sinal com a cabeça e com um movimento de sobrancelhas.

— É difícil amar. — Ela diz.

— Amar? Você o ama?

— Você contou sua história. Sei que já amou alguém assim.

— Amei alguém assim? — Marcos agora se faz de desentendido.

— É tão difícil amar alguém no meio de uma loucura dessas. — Marisa começa a chorar.

— Não chora. Ele vai voltar.

— Você acha que ele vai voltar?

— Claro que vai. Ele vai voltar para...

— ...Para mim. — Marisa complementa chorando e lhe dá um forte abraço, com um pedido de desculpas e um olhar quase

demoníaco, carregado de simbologias contraditórias que Marcos não percebe.

A porta de ferro se abre rangendo, num som metálico e cortante que reverbera pelas paredes úmidas do porão. O eco se espalha lentamente, como um sussurro mecânico em meio ao silêncio sepulcral.

Pereira não acende a luz. Em vez disso, dá um passo cauteloso para dentro do ambiente sombrio, onde a escuridão parece respirar.

Nas mãos, uma lanterna fria. Ele a liga com um estalo seco, e o feixe estreito de luz corta a penumbra como uma lâmina. A poeira flutua no ar, revelada em partículas douradas, dançando no rastro do facho.

O cone de luz varre lentamente o chão irregular, passando por correntes enferrujadas, manchas antigas, marcas de algo que já não se entende. O silêncio é denso, pesado. Apenas o som do próprio respirar e o zumbido baixo da lanterna. Pereira aponta o facho de luz para o rosto de Marcia.

— E então? Lembrou de alguma coisa?

— Não posso lembrar do que eu não sei.

Pereira vai até ela e a coloca de barriga para cima, ilumina seu corpo com a lanterna, abre suas pernas, desliza sua mão sobre elas e toca suas partes íntimas.

— Pele macia. Bem tratada. Que desperdício. Se não tivesse entrado nessa bobeira de causa daria uma excelente mulher, uma amante talvez. Nervosinha do jeito que é provavelmente seja uma puta na cama.

Pereira ilumina os seios de Marcia com a lanterna.

— Que seios lindos! Volto a dizer. Você é um desperdício garota. E então? Lembrou de algo?

— Não.

— Eu vou trazer uma pessoa que vai te ajudar a lembrar de alguma coisa.

Pereira acende a luz da lanterna e vai até a porta de ferro novamente, segura uma pessoa pela mão e o guia até a frente de Márcia.

Segura ela pelo queixo e levanta seu rosto para que ela veja a pessoa, no mesmo

instante em que ele direciona o facho de luz para um homem conhecido.

Márcia entra em desespero ao ver de quem se trata e solta um grito pavoroso.

— Não, não pode ser. Eu vi você morrer. você morreu na minha frente.

O silêncio impera na casa do sítio. Marisa dorme. Sua fisionomia denota cansaço e exaustão, enquanto Marcos anda de um lado a outro. Ele encontra a garrafa quebrada que foi usada no confronto com Paulo e que lhe rendeu um corte na mão que permanece enrolada num pedaço de trapo sujo e ensanguentado, com um forte odor do sangue encrostado e uma dor latejante.

Ele vai na direção de Marisa, aproxima o pedaço de garrafa quebrada ao pescoço dela como se fosse cortá-lo. Mantém-se paralisado na posição por alguns segundos, enquanto os pensamentos fluem em sua mente. “Eu poderia te matar e depois me matar. Assim ficaríamos empatados. Você não ficaria com ele. Eu também não.” — Pensou.

Marisa acorda lentamente, tempo suficiente para Marcos esconder a garrafa.

— Dormi muito?

— Um pouco.

— Estou tão cansada. Não estou conseguindo me aguentar acordada.

Marcos nada diz. Apenas balança a cabeça, concordando.

De pé e sorrindo à frente de Marcia está Pedro a quem ela viu morrer no tiroteio. Ela não consegue acreditar no que vê. Pedro afrouxa o cinto da calça e abre o zíper. Pereira olha clinicamente para Marcia, enquanto coloca o facho de luz da lanterna em seu rosto.

— Eu não te disse, Pedro, que a garantia era eu?

Pedro abaixa a calça, abre as pernas de Marcia e a penetra com força e rapidez, enquanto ela chora, compulsivamente e em estado de choque, em meio as estocadas de Pedro, compassadas às gargalhadas de Pereira. Pedro chega ao orgasmo e para.

—Não chore, está bem? Lembrou de alguma coisa, meu bem? Não lembrou não é mesmo? De uma coisa eu tenho certeza. Se a sua memória é tão ruim para lembrar das coisas, com certeza não vai se lembrar de nada do que acabou de acontecer aqui.

Pereira apaga a lanterna. Ele e Pedro saem. A porta é fechada. Um grito lancinante é dado por Marcia no escuro, como se fosse a última expressão da sua vida.

Capítulo 18

Delírio.

Marcos acorda assustado, após ter conseguido dormir por algum tempo, quebrando sua inquietação costumeira. Com um movimento brusco ele se levanta e acaba despertando Marisa que havia voltado a dormir em meio à exaustão física e psicológica.

— Você ouviu isso Marisa?

— O que?

— Um grito horroroso.

— Não ouvi nada, apenas me assustei com você.

— Eu ouvi. Ouvi um grito de morte.

— Morte?

— Sim. Morte. Como se fosse a própria morte gritando no meio da noite.

— Você está querendo me deixar assustada? Por que está fazendo isso comigo?

— Eu estou falando sério. Não estou mentindo.

—Você deve estar passando mal. Você está suando e com febre. Meu Deus, Marcos. Olha a sua mão.

Marcos olha para a mão, enrolada no pedaço sujo de trapo, completamente suja, com odor fétido e sangrando.

—Eu estou bem. É só um curativo.

—Nós temos que limpar isso Marcos. Você está com hemorragia.

—Não. Não estou.

—Está pingando sangue.

—Não é nada.

—Por favor. Deixa-me te ajudar.

—Não. —Maros falou com um tom de voz alterado. Pegou o pedaço da garrafa quebrada e apontou para Marisa. —Não. Não vai fazer nada.

—Calma Marcos. Não precisa fazer isso. Eu não vou fazer nada. Tá ok? Não vou fazer nada.

Do lado de fora da casa, um barulho se assemelhando ao passo de um batalhão de pessoas chama a atenção de Marisa.

— Você está ouvindo isso?

— Ouvindo o que?

— Esses passos do lado de fora da casa. O que será isso? Se abaixe — diz Marisa, encostada à janela com vista para fora da casa.

— O que está dizendo? Está louca? — Marcos protesta, mas ao mesmo tempo ele ouve passos se aproximando cada vez mais.

— Eles estão aqui. Eles nos encontraram... — Marisa fala em tom baixo, mas com desespero.

— Eles vão nos pegar. Eles vão nos pegar.

— Marcos adverte com semblante assustado.

O barulho cresce numa velocidade alucinante, como se o próprio ar estivesse sendo rasgado.

As paredes tremem, ameaçando desabar a qualquer segundo. De repente — cortando o caos como uma lâmina no escuro — surge um novo som.

Um coro. Inumano. Inclassificável. Vozes se entrelaçam em um lamento aterrador: algumas finas e agudas como gritos de crianças, outras profundas e guturais como sussurros de

anciãos. Há vozes roucas, disformes, irreconhecíveis. Juntas, formam uma massa sonora grotesca, dissonante, impossível de ser ignorada.

Um coro horripilante que parece brotar das entranhas da própria casa.

*Vocês estão mortos! Mortos! Assassinos!
Assassinos!*

*Vocês estão mortos! Mortos! Assassinos!
Assassinos!*

Os dois se ajoelham no chão da casa e colocam as mãos nos ouvidos, apertando para abafarem os murmúrios.

Eu não quero escutar isso. Não quero ouvir isso. Não quero. — Marisa fala alto, apertando os ouvidos.

Marcos coloca a mão sobre os ouvidos. A mão machucada faz o sangue escorrer pelo seu rosto. O coro horripilante aumenta a cada vez mais, se misturando aos gritos de Marisa.

Marcos nada diz, apenas aperta as mãos ainda mais nos ouvidos, lutando para não extravasar a dor que já lhe consome a tempos, desde que foi atingido por Paulo. Os dois parecem ser levados à beira da loucura.

Então, cessa. Resta o silêncio. É como se os passos, desta vez, se afastassem da casa. E os dois, caem no chão, desmaiados como em um orgasmo às avessas.

Joaquim recebe uma ligação. Do outro lado está Pereira.

—Tempo esgotado Joaquim.

—Tempo esgotado? Como assim, tempo esgotado?

—A garota abriu o bico e deu a localização da casa.

—E?

—E daí que fica na região de Campo Negro. E você sabe por que esse lugar tem esse nome, não é?

—Justo lá?

—Não sei quem arrumou essa casa para eles, mas, seja lá quem tenha sido, nenhum deles tinha a mínima ideia para onde estavam indo.

— Eles estavam se escondendo embaixo de nosso nariz o tempo todo.

— E nosso segredo escondido embaixo do nariz deles.

— E agora, Pereira?

— Você sabe que isso é sigilo, Joaquim. A ideia era encontrar a casa e depois o dinheiro. O tal Alvarenga sabia que tinha de procurar a casa, mas não sabia nada do dinheiro.

— Sim. Isso mesmo.

— Pois bem, Joaquim. Vamos matar dois coelhos. Não precisamos mais do Alvarenga, nem para o nosso serviço e nem para o outro. Ele sabe demais. Creio que fui claro.

— Bastante claro senhor, Pereira. Eu mesmo vou resolver isso.

Pereira desliga o telefone. Joaquim olha para uma medalha que carrega e fala para si mesmo.

— Ironia pouca é bobagem. Logo no Campo Negro? Que cagada. — Joaquim dá um sorriso e beija a medalha.

Paulo e Carlos andam em silêncio pelo matagal. Paulo permite que Marcos passe em sua frente. Ele olha ao redor, volta o olhar para Marcos com uma expressão apreensiva no rosto. Segura o revólver na cinta e continua atrás de Carlos.

A luz do sol se esvai entre as copas, tingindo a mata de um dourado sombrio. As árvores se fecham ao redor dos dois homens como muralhas vivas. O silêncio é denso, apenas interrompido por passos abafados e estalos ocasionais de galhos partidos sob os pés.

Paulo e Carlos avançam em linha reta, cada qual mergulhado em seus próprios pensamentos. Carlos lidera, sem olhar para trás. Paulo permite que Carlos siga adiante.

Ele para um instante, varre a paisagem com o olhar — troncos retorcidos, sombras se movendo lentamente, talvez só folhas ao vento... ou não.

O olhar de Paulo se detém em Carlos. Há hesitação em seu rosto. Medo, talvez. Ou desconfiança. Com um gesto sutil, ele leva a mão à cintura.

Sente o metal frio do revólver. Aperta a empunhadura com força contida. Os dedos tateiam o cabo como se buscassem coragem. Corpos tensos, silhuetas recortadas pelo último brilho do sol. Carlos desacelera.

O ambiente parece mais denso. A vegetação se fecha. Um som, quase inaudível, surge da mata.

Ambos param. Um silêncio maior os envolve. Até o som dos pássaros cessa. Paulo ergue o rosto. Os olhos percorrem os arbustos. Atrás de uma árvore caída, algo se move. Muito rápido. Quase imperceptível.

Um estalo seco ecoa à distância. Os dois se viram na direção contrária, mas não veem nada.

Paulo respira fundo. O peito sobe e desce com força. O revólver agora está fora da cintura, apontado para o vazio.

Carlos caminha novamente. Paulo o segue, agora mais próximo. Os dois se tornam silhuetas fundidas à mata, como se ela os engolissem.

Na casa do sítio Marcos e Marisa voltam a dormir derrotados pelo cansaço e pela loucura que os invadiu. Mais uma vez Marcos acorda com a respiração ofegante despertando Marisa. Sua mão está muito inchada e a testa queima de febre.

— E agora? O que você tem?

— Eu estou bem. Estou bem.

— Onde estão os dois que não voltam?

— Eu estou bem. — Marcos fala com uma forte expressão de dor.

— Seu corpo está todo molhado. — Marisa comenta com preocupação.

Marcos convulsiona e Marisa se desespera sem saber como agir. Ela o segura em seus braços e chora.

Paulo e Carlos se aproximam do riacho. Carlos, à frente, se abaixa para beber água, alheio ao olhar fixo que pesa sobre ele. Atrás, Paulo o observa em silêncio — o semblante frio, impenetrável.

Sua mão desliza lentamente até o revólver na cintura. Sem pressa, ele o empunha e o aponta para Carlos, em silêncio absoluto.

Carlos inclina o corpo, mergulha as mãos na água. Ao beber, percebe algo estranho. A água começa a escurecer, tingindo-se de vermelho. Paulo, ainda com o revólver em punho, nota a mesma transformação.

Um som surdo corta o silêncio — algo pesado despenca nas águas do riacho.

Carlos se ergue num salto e saca seu revólver. Paulo, rápido, desvia a mira, apontando para o outro lado, tentando disfarçar a intenção anterior.

Os olhos dos dois se encontram, tensos, carregados de medo. Por um instante, o mundo parece prender a respiração.

A água escurece ainda mais, densa, rubra. Carlos avança com cautela em direção à pequena cachoeira, entrando no riacho. Paulo observa pela margem, os olhos fixos no movimento do outro.

Um corpo havia despencado do alto da queda d'água, atingindo a água com violência, bem sobre Carlos.

O impacto faz a água jorrar com força, respingando em Paulo. Sangue atinge seu rosto e suas roupas. Ele recua, atordoado, tomado pelo pânico. Solta um grito agudo e corre, cambaleante, em meio à vegetação, sumindo entre as árvores.

Capítulo 19

Arrepios.

O silêncio na casa do sítio é interrompido pelo som de um chute na porta dado por Carlos, carregando o corpo de Joaquim nas costas e seguido por Paulo que entra assustado.

—Ele ainda falava alguma coisa quando eu comecei a carregá-lo, mas agora... —Carlos tenta se explicar.

—Ele está morto, por que o trouxe para cá? —Marisa indagou com uma expressão de surpresa e curiosidade.

—Eu não podia deixá-lo para trás. Ele ainda estava falando. Eu não sabia o que fazer.

—Onde vocês estavam? —Marisa perguntou olhando para Paulo.

—Não muito longe daqui. Nós estivemos dando volta em círculos. Na verdade, não fomos a lugar algum. —Paulo respondeu.

— Eu não sabia o que fazer com ele. Se ele ficasse lá, com certeza iria chamar a atenção de alguém e para chegar aqui seria um pulinho.
— Carlos tenta justificar mais uma vez.

— Alguém fez isso a ele e quem quer que tenha sido não deve estar longe. — Disse Marisa.

— Eu não acho. Quem quer que tenha sido deve ter ido embora. — Carlos discordou se dirigindo até outro cômodo para conversar com Marcos.

— E o que vamos fazer com ele? — Marisa busca uma resposta assertiva.

— Vamos enterrá-lo. Dar fim nesse corpo. — Paulo respondeu.

Em outro cômodo Marcos com a mão muito inchada está abatido e com febre. Carlos se aproxima para ajudá-lo.

— Eu fiquei com medo de você ter ido embora e me deixado aqui para sempre. — Marcos lamentou.

— Você sabe que eu não faria isso. — Carlos respondeu sem olhar nos olhos de Marcos.

—Eu estou com fome Carlos. Muita fome e sede.

—Você está com febre. Nós vamos sair logo daqui. Aguenta um pouco mais.

—Eu estou com fome.

—Eu não estou com fome nenhuma. É estranho. —Disse Carlos.

Marcos resolve aproximar do corpo de Joaquim. Paulo e Carlos, apenas o observam.

—Nenhuma identidade. Nenhum documento. Nada. —Paulo argumenta, olhando para Marcos e Carlos.

—Vamos enterrá-lo. —Afirma Carlos,

Marcos olha fixamente para o corpo, como se estivesse vendo um banquete de uma grande ceia. Ele fica excitado ao ver à sua frente tanta quantidade de comida.

—Eu estou com muita fome. Por que enterrá-lo? Nós podemos comê-lo. Ele não se importaria. Eu sei que não se importaria.

—Você está alucinado! —Carlos demonstra certa indignação com a fala.

Marcos está incontrolável. Em sua visão é um banquete que está servido e avança sobre o corpo de Joaquim e começa a morder. Paulo e Carlos se debatem no sentido de afastar Marcos que resiste intensamente, até que conseguem. A boca de Marcos sangra pelo pedaço que conseguiu arrancar do corpo de Joaquim.

— Vocês não estão com fome? A minha boca está queimando, meu peito está queimando. — Marcos fala como se estivesse fora de si, consumido por alguma alucinação. — Eu estou queimando de fome e sede.

Marisa surge à sua frente com uma aparência bestial. Seus olhos graúdos, totalmente brancos como se o globo ocular tivesse virado ao contrário. Sua voz é distorcida, quase um lamento gutural.

— O calor que você está sentindo são as chamas do inferno que já te alcançaram. Sua fala é acompanhada de uma gargalhada sinistra e pavorosa. Em segundos ela volta ao normal e se encolhe com medo.

Marcos, tomado por uma espécie de transe enlouquecido, leva a própria mão à boca e começa a devorá-la com os dentes, arrancando pedaços de carne sob o olhar

apavorado de Carlos e Paulo. O som da mastigação é molhado, repulsivo, e se mistura aos gemidos abafados de dor. O sangue escorre por seu queixo, pingando no chão com um ritmo grotesco. Carlos vira o rosto, nauseado. Paulo recua, pálido, paralisado pelo terror.

Subitamente, a porta da frente se escancara sozinha com um estalo seco, como se tivesse sido arrombada por forças invisíveis. Ela range sem parar, como se algo estivesse tentando entrar — ou sair. Do lado de fora, uma marcha lenta de passos ecoa em várias direções, como se a casa estivesse cercada. Os sons não pertencem aos vivos. São arrastados, irregulares, semelhantes a corpos cambaleantes se aproximando.

E então ela aparece.

Márcia, até então dada como morta, torturada, desaparecida, surge caminhando pelo campo em direção à casa. Seu cabelo está desgrenhado, os pés descalços, feridos, sangrando, deixando rastros pelo chão. Usa um vestido branco, agora encardido de terra, lama e sangue coagulado. As unhas arrancadas revelam a carne viva nas pontas dos dedos. Seu rosto é pálido como cera, os olhos fundos, sem

brilho, como os de um cadáver recém-desenterrado. Ela caminha com a rigidez de alguém que já não pertence ao mundo dos vivos.

Marcos se aproxima da janela em transe. Ele a vê. Ela para diante dele. Ficam se encarando por longos segundos, tempo suficiente para o ar da sala gelar. Ela pisca, lentamente, como quem rompe o véu entre o mundo dos vivos e dos mortos. E com um leve aceno de cabeça, os convida a sair.

Um a um, Carlos, Paulo e Marcos obedecem. Saem da casa como marionetes sem vontade, os olhos vidrados, os movimentos lentos, enfeitiçados. Do lado de fora, por trás de Márcia, ergue-se uma legião de mortos — antigos companheiros da guerrilha, rostos conhecidos agora deformados pela decomposição. Seus corpos fétidos, vestidos em farrapos militares, ainda sangram em feridas abertas. Olhos vazios, bocas semiabertas, gemidos que atravessam os ossos. Eles esperam.

Um carro para na estrada. De cada um deles, descem um homem, os dois armados e

bem-vestidos. Pereira e Pedro se olham e se cumprimentam apenas com o um balançar de cabeça. Os dois começam a andar na direção de um matagal. Eles caminham até avistarem a casa do sítio.

—Pereira, meu velho eu ainda não entendi o porquê de termos vindo até aqui depois de tantos anos.

—Meu amigo Pedro. Aliás, Excelentíssimo Ministro Pedro Antunes. Hoje é um dia marcante em sua vida. O amigo conseguiu em um ano se livrar das acusações que pesavam sobre seus ombros. Obteve a maioria dos votos que precisava para continuar no partido e mais, conseguiu hoje, coroar seus esforços nesse ano difícil, sendo escolhido pelo senhor Presidente da República como Ministro.

Pedro sorriu e agradeceu, mas ainda persistia a dúvida em relação a estarem naquele local.

—E o que isso tudo tem a ver com esse lugar?

—Calma Ministro, calma. Desde os anos 70 até hoje, nós fizemos uma grande parceria. Eu com meus contatos e você com sua

inteligência. Participamos ativamente da história desse país.

— E você foi muito bem pago para isso.

— Eu sei, mas não se trata só de dinheiro.

— Não? E se trata do que?

— Homens como eu e você fizemos a verdadeira revolução nesse país. A revolução que muitos sonharam.

Pedro balança a cabeça concordando.

— Onde você quer chegar, Pereira?

— Nós articulamos as pessoas como peças de um jogo de xadrez. Eliminando um aqui, outro ali, dando vaga a outro aqui, favorecendo outro acolá. O próprio homem lá de cima só está no jogo porque permitimos que ele estivesse. Se não entrasse na nossa, teria dançado.

— Deixe o homem pra lá.

— Fantoches, Pedro. É isto que a maioria dos homens são para nós. Está ouvindo, Pedro?

—Ouvindo o que? Não estou ouvindo nada. Você está surtando Pereira. Esse lugar me dá arrepios. Pegue sua mala e vamos embora daqui.

— No ano passado, para que você ganhasse mais uma eleição eu matei um homem bom. Por mais quatro anos em sua vida eu tirei a vida inteira de um homem bom. Bom pai de família, bom marido, bom brasileiro, por mais incrível que seja, um bom político... Um idealista. Mas um homem bom. Alguém que eu mesmo votaria se eu acreditasse que democracia adiantaria alguma coisa. Mas estou cansado.

—O que há agora Pereira? Ficou velho, ficou frouxo?

—Não. Nada disso. Eu estou desenganado. Há uma doença dentro de mim me devorando lentamente a cada dia. Me pegando pela mão e caminhando. Me guiando pelo caminho que vai me levar até a morte. E com a proximidade da morte eu sei que do outro lado, todos eles estarão me esperando. Todos os meus mortos.

Pedro dá uma risada debochada.

— Você bebeu.

— E os seus também.

— Os meus o que, Pereira?

— Claro. Ou você acha que só porque eu matei, as suas mãos não estão sujas?

Pedro abre a mala em seu poder e a abre na frente de Pereira. Repleta de dólares.

— Suas mãos estão sujas? Pegue aqui alguns desses dólares e trate de limpá-las. — Pedro, irritado, pega um monte de dólares e vai gritando com Pereira a medida que mexe com as cédulas. — Se não quiser limpar as mãos, limpe a bunda. Faça o que quiser com elas e não me venha com essas conversas malucas.

Pereira sorri de modo cínico, enquanto observa o nervosismo de Pedro mexendo com os volumes de dinheiro.

— Você se lembra daquela garota, Marcia?

Marcia, transformada numa figura fantasmagórica se aproxima e abraça Pereira. Pereira sente um arrepio pelo corpo, mas não a vê. Marisa, Paulo e Marcos se aproximam e os

observa, mas, também não são vistos. Eles ouvem toda a conversa.

—A mãe da sua filha, que até hoje te pergunta quem foi a mãe dela, me visita todas as noites. Todas as noites ela vem no escuro de meu quarto. Lembra que a colocamos no escuro porque ela disse que tinha medo?

Capítulo 20

Reencontro.

Marcia desaparece como num passe de mágica. Carlos e Paulo retornam à casa e assistem Marcos devorando Joaquim, como um canibal faminto, após ter comido toda a sua própria mão machucada, enrolada num trapo sujo de sangue talhado e fedorento.

Paulo tenta retirar Marcos de lá, enquanto Carlos fica paralisado e sem ação. Marisa entra na frente de Paulo com suas feições pálidas, como se não corresse mais sangue em suas veias.

— Vocês querem saber o que houve ali? Eu vi... Eu senti... E agora, vocês vão sentir também.

Uma imagem é projetada entre eles. Com sua voz gutural Marisa narra o momento em que Joaquim para seu carro à beira da estrada para trocar um pneu furado e é atraído por um som estranho na mata.

Ele deixa o carro e as ferramentas para troca do pneu em uma trilha de chão batido e caminha pelo matagal empunhando sua arma.

Ele é observado de longe por Alvarenga. A respiração de Joaquim se intensifica. Predador e presa se revezam em suas caçadas mentais.

Joaquim não teve chance. Aquele vale não perdoa. Alvarenga surgiu como um espectro da mata, com uma lâmina escondida na bota.

Os dois brigam violentamente à beira da parte superior de uma cachoeira. Alvarenga saca uma faca de sua bota e atinge Joaquim no abdômen. Joaquim tenta reagir, mas Alvarenga o domina, arranca-lhe o revólver e o apunhala repetidas vezes.

Mesmo ferido, Joaquim tenta se agarrar ao colarinho da camisa de Alvarenga, que o empurra com força para trás. Joaquim tomba na água com um ruído abafado, sendo arrastado pela correnteza até desaparecer na queda da cachoeira. A água se tinge de vermelho.

—Um bom homem, talvez..., mas o vale exige sacrifícios. Ali, naquela queda, ele foi

engolido. Sangue, ossos e alma. Porque ali... ali jazem os mortos que ainda respiram. — Marisa conclui seu relato, com sua voz e fisionomia alteradas, para desaparecer novamente, juntamente com a projeção que esmaece lentamente.

Pereira e Pedro conversam, mas a sensação é de que não estão sozinhos. Pedro quer deixar o lugar imediatamente. Ele está com medo.

— Tá vendo isso aqui? — Pedro segura um punhado de dólares e olha para Pereira. — Isso é mais do que aquele dinheiro que pegamos naquele assalto falso que nós armamos só para despistar a atenção dos militares que você mesmo servia. — Por um punhado de dinheiro várias pessoas deram a vida e na minha cabeça é assim que funciona. Aquele dinheiro foi muito bem investido e hoje...mais de quarenta anos depois ele rendeu muito, muito mesmo, com juros e correção monetária. E minha filha não precisa saber

nada da mãe. A mãe morreu quando ela nasceu. Assunto encerrado.

Marcia reaparece com sua expressão cadavérica, quase em total decomposição, chorando lágrimas de sangue e solta um horroroso grito gutural no ouvido de Pedro, um sopro ensurdecedor que desloca uma imensa quantidade de vento no rosto de Pedro que sente um frio desconcertante e inexplicável, acompanhado de um cortante arrepio na espinha, mas Pedro não a vê. O sentido é mais terrível que a visão.

Marisa surge novamente com uma fisionomia normal sem ser vista por Pedro.

— Quarenta anos? — Ela indaga sem entender.

Paulo demonstrando indignação às palavras proferidas por Pedro aproxima-se junto a ele e fica frente a frente, sem ser notado.

— Isto é brincadeira...

Paulo e Carlos tentam agredir Pedro, mas não conseguem. É como se não existissem.

Pereira ouviu tudo o que foi dito por Pedro em silêncio. Ele também não notou a

presença de Pedro, Carlos, Marcos, Marcia ou Marisa.

— Os homens as vezes ficam cegos com o poder. — Disse olhando para algum ponto no infinito.

— Eu vou te falar só uma coisa, Pereira. Eu construí o meu caminho a base de muito sangue, mas é assim que se constroem as histórias, sejam elas as histórias de um país ou de uma religião. As histórias de um modo geral são construídas à base de sangue. Você fala do poder, mas não tem ideia do que é ter o poder. O topo do mundo é um lugar muito solitário, amigo. Aqui está seu dinheiro. — Pedro joga a mala cheia de dinheiro nas mãos de Pereira. — Faça o que quiser. Eu preciso voltar para a cidade. Preciso me preparar para as solenidades que me aguardam.

— Você vai voltar. Só te peço um pouco mais de tempo. Eu quero te mostrar uma coisa.

— Pereira segura a mala, sai andando e Pedro o segue. — Você fez a sua parte nos anos 70. Eu fiz a minha. E faço até hoje. Está vendo esse lugar?

Pedro apenas observa em silêncio. Há uma apreensão contida em seu rosto. O frio na espinha e uma sensação gelada de formigamento percorre toda a sua coluna lombar e têmporas, entumecendo os poros de sua pele e fazendo pulsar uma de suas mandíbulas, num movimento involuntário e incontrolável.

— É bem perto da casa onde seus amigos deveriam ter chegado quando fugiram do assalto que você forjou. Forjou a própria morte para eles. Bem do lado fica o Campo Negro. Sabe por que tem esse nome?

— Não, não sei. — Pedro responde com ar de estranheza e preocupação ao ouvir Pereira lembrá-lo da morte forjada para enganar os amigos.

— Isso aqui... até onde você consegue ver é um grande cemitério de valas comuns. Aqui se fazia a desova de todos os rebeldes que prendíamos. Claro, nem sempre estavam todos efetivamente mortos. Devo admitir que alguns foram enterrados vivos. Se você cavar por aí, é capaz de tropeçar nos corpos. Todos sem nome, sem rostos, sem descanso, assim como aqueles que os mataram não tem descanso.

— Eu não quero mais ficar aqui. — Pedro diz a frase com um tom trêmulo na sua voz. Um arrepio percorre seu corpo dos pés à cabeça.

— Esse local é desconhecido das autoridades. Suas coordenadas não estão descritas em lugar nenhum e, claro, não é por acaso. Quem conhecia este lugar já morreu.

A cena da luta entre Joaquim e Alvarenga se projeta entre os dois como numa espécie de alucinação. Mas ela se reproduz apenas em suas mentes sem que seja processada ou lembrada, algo como um déjà-vu. Paulo, Pedro, Marcos e Marisa assistem à cena pasmos, os únicos expectadores do devaneio de mentes. Eles se olham. Pereira olha para Pedro, como se desejasse cumplicidade.

— Agora esse é mais um segredo entre mim e você.

Após se olharem Marcos, Paulo, Carlos e Marisa olham para um ponto na mata em frente à casa. Eles caminham juntos e uma nova imagem é projetada como se a mata fosse uma enorme tela de projeção.

Alvarenga está parado diante do carro de Pereira e o entrega uma medalhinha que

pertencia a Joaquim. Alvarenga abre o capô do carro. Lá dentro os corpos dos quatro companheiros mortos. Marcos, Paulo, Carlos e Marisa se veem ali. Alvarenga empurra o carro dos companheiros em um barranco. Alvarenga e Pereira carregam os corpos pelo matagal. Alvarenga e Pereira enterram os corpos próximos da casa. Os dois saem com os carros.

Lágrimas caem dos olhos dos quatro companheiros ao descobrirem que estavam mortos. Uma nova projeção surge.

Alvarenga e Pereira param o carro na frente de um boteco de beira de estrada. O dono do boteco é o mesmo que havia apanhado de Alvarenga. Ele reconhece Alvarenga e alcança uma arma abaixo do balcão.

Os dois se dirigem a uma mesa no fundo do boteco, ao lado de um banheiro. Alvarenga se senta posicionando-se de costas para o balcão.

Pereira pede uma bebida, fazendo um sinal com os dedos como quem pede uma dose de pinga, levanta-se e faz um sinal a Alvarenga, indicando que vai ao banheiro. Alvarenga mexe com a cabeça em sinal de positivo e fixa seu olhar para a estrada.

O dono do bar caminha até Alvarenga. Ele caminha devagar, friamente, tal qual o doce prato da vingança. Alvarenga está absorto em pensamento, envolto numa explicável ironia do destino. Ele não se recorda do lugar, como se um lapso temporal apagasse determinados trechos de sua memória.

Pereira está no banheiro. Abre a braguilha, faz xixi, termina, fecha a braguilha, mas se mantém no banheiro. Destinos traçados não podem ser quebrados.

O silêncio do lugar fica ainda mais intenso. Não há sons de pássaros, não há som do vento ou das árvores assoviando com o balançar de suas folhas. Há apenas o dono do bar, empunhando uma arma para a cabeça de Alvarenga. Um tiro certo estoura seus miolos, entrando através da nuca. O estampido ecoa livre por toda a redondeza do lugar perdido no tempo e no mundo. Mais tiros e o revólver é descarregado. O sangue de Alvarenga se espalha pela mesa, recheado de miolos, pedaços de pele e tufo de cabelo. Alvarenga, com o impacto dos tiros é empurrado para frente e para o lado, caindo ao chão como um corpo sólido, sem vida.

Pereira sai do banheiro calmamente, e vê Alvarenga baleado. Ele abre a carteira, retira uns trocados e joga em cima da mesa.

—Pode ficar com o troco e com o carro. Ele não vai precisar mais disso. —Pereira fala sem olhar para o dono do bar que ainda está armado e joga as chaves na mesa, em cima da poça de sangue e miolos que ainda restavam espalhados pela mesa. Ainda sem olhar para o dono do bar ele coloca os pés sobre o corpo de Alvarenga estendido no chão e pressiona para confirmar se de fato estava morto.

A imagem projetada se desfaz e os quatro companheiros seguem caminho, como zumbis perambulando sem rumo.

Pedro insiste em seu desejo de ir embora, mas Pereira ainda mostra algo que ele precisa ver.

—Eu quero ir embora. —Diz Pedro com voz trêmula.

—Mas tem mais alguma coisa. —Pereira dá mais alguns passos à frente e é seguido por Pedro que começa a sentir ânsia de vômito. — Está vendo esse lugar aqui? —Diz apontando com o dedo indicador. — Estes quatro montes

enfileirados? Aqui foi onde os corpos de seus quatro amigos foram enterrados.

Pedro solta de esguicho um vomito que por pouco acerta o rosto de Pereira. Marcos, Marisa, Paulo e Carlos se ajoelham diante de suas próprias sepulturas e se reconhecem enterrados no local.

—Nós estamos mortos. Nós estamos mortos. — Diz Marisa, com os olhos marejados.

—Eu estou sufocando aqui embaixo. Estou sufocado. — Marcos murmura. Sua voz é ofegante.

—Nós estamos mortos. Estou me vendo aqui embaixo. É verdade. — Paulo se desespera, beliscando seu próprio corpo e se estapeando e se arranhando, tentando encontrar vida em seu corpo pálido e gelado.

Carlos paralisado, sem reação, apenas murmura, quase inaudível.

—Há quanto tempo estamos aqui?

O silêncio domina o ambiente. O ar parece mais denso, como se algo invisível apertasse os pulmões. Pedro caminha lentamente até as sepulturas, onde o solo

parece pulsar, respirando com um ritmo fraco e profundo.

Ele para. Olha ao redor, os olhos arregalados, como se visse sombras que ninguém mais vê. Ajoelha-se. As mãos tocam a terra fria e úmida. Um tremor o percorre. Seus ombros se sacodem em soluços mudos, enquanto lágrimas escorrem silenciosamente pelo rosto.

Atrás dele, surgem os seus quatro companheiros como figuras translúcidas. Os corpos pairam alguns centímetros acima do chão, envoltos por uma névoa densa. As feições são indefinidas, mas seus olhos — fundos, vazios — fixam-se em Pedro. Eles o cercam lentamente.

De repente, todos abrem a boca ao mesmo tempo. Um grito sobrenatural, profundo e ensurdecador irrompe, vibrando no ar como uma explosão espectral. As folhas das árvores estremecem, o chão treme levemente. Uma rajada de vento negro corta a clareira, chicoteando os cabelos e as roupas de Pedro e Pereira.

Pedro permanece ajoelhado, imóvel, dominado pelo terror e pela revelação. As

figuras desaparecem lentamente no ar, deixando atrás de si uma sensação sufocante de vazio e condenação.

No fundo, Pereira observa tudo com os olhos vidrados, a alma já distante do mundo dos vivos.

— Eu não preciso mais disso. Meus dias estão contados. O que eu tenho já é o suficiente. Eu estou fora. Foi isso que eu vim fazer aqui. Te dizer que pra mim acabou.

Pedro abre a mala, pega uma parte do dinheiro e joga sobre a cabeça de Pereira que se mantém ajoelhado e chorando. A chuva de dinheiro persiste. Pedro abraça com força a mala de dinheiro e chora copiosamente.

Ao seu lado, sobre sua cabeça e espalhadas ou carregadas pelo vento, as cédulas de dinheiro fazem parte de Pedro, como se fossem uma só coisa, um só objeto, um só desejo.

Epílogo

Algum tempo depois...

A voz de Pedro ecoa para uma plateia atenta ao seu discurso.

— Meus irmãos, minhas irmãs. Filhos do país, filhos das veias abertas da América Latina. Eu sou um homem justo, honrado e honesto. Não tenho nada a esconder. Minha vida é um livro aberto que conta uma história de luta e dor. — Sua fala é seguida de uma apresentação de fotografias em preto e branco de pessoas desaparecidas que foram torturadas. O silêncio contagia; não há um ruído, uma fala ou comentário qualquer. Nem o som de respiração ofegante de algum indivíduo na plateia ou uma tosse desavisada e fora de hora que possa ecoar pelo ambiente. Apenas o discurso de Pedro se destaca. — A história de entrega às ideias e aos ideais de uma geração que deu a vida e a alma para lutar por um país mais justo, por um mundo melhor, feito do povo para o povo. Assumir o governo de um país imenso como o nosso é mais que uma responsabilidade. É a realização de um ideal. Saibam que suas vidas estão nas mãos de

um homem limpo, que vai lutar 24 horas por dia para trabalhar, não para aqueles que já tem tudo, mas para aqueles que não tem nada.

O discurso é interrompido por alguns tímidos aplausos. Toda a plateia ouve, mas ninguém vê de onde surgem os aplausos de cinco pessoas Marcia, Marisa, Paulo, Carlos e Marcos. Eles estão lado a lado com Pedro que também não os vê, apenas sente um arrepio, um frio congelante na espinha e que vai deslizando até suas têmporas que parecem saltitar, como se uma emoção incontrolada tomasse conta de seu rosto. A fala sai embargada. Os cinco companheiros o aplaudem, sem serem vistos, sem serem percebidos. Apenas seus aplausos são ouvidos e gradativamente algumas pessoas da plateia começam a aplaudir também. Pedro segue com seu discurso.

— Enquanto vocês trabalharem eu estarei trabalhando mais. Quando vocês descansarem, eu ainda estarei trabalhando para vocês. E quando vocês forem dormir ao fim de um dia duro, saibam, que poderão dormir e descansar em paz, pois, eu, o seu líder, eu já não durmo mais. Eu passo as noites em claro, com a companhia das almas de todos os meus

companheiros que partiram acreditando na causa. E saibam...

Os aplausos invisíveis voltam a ocupar o silêncio que continua a reinar na sequência da fala de Pedro. Pedro sente novamente o frio congelante atravessando sua espinha e subindo pelo seu corpo, acompanhado de um sopro, de uma ventania, de um rugido, tal qual uma tormenta vinda ao longe, que só ele percebe e sente.

—Saibam que eu viverei carregando suas memórias e sua dor comigo, até o último dos meus dias. Deus abençoe a nossa pátria. Deus abençoe a nossa bandeira.

O discurso de Pedro chega ao final em meio a um vendaval de aplausos e vozes exaltadas. A emoção toma conta do espaço como um furacão silencioso. Marcos, Paulo, Carlos, Marcia e Marisa permanecem ali, invisíveis aos olhos da multidão.

Estão ao lado de Pedro que não percebe a presença deles, embora sinta o arrepio constante na espinha. Firmes, serenos e calados, eles não mais aplaudem.

As imagens projetadas, que até então revelavam rostos marcados pela dor, se apagam lentamente. No lugar delas, surge uma fotografia imensa: o rosto solene de Pedro.

Os quatro companheiros se retiram, de mãos dadas, atravessando a multidão em êxtase, sem serem vistos ou percebidos, assim como não visto ou percebido o véu de sangue que escorre sobre a imagem de Pedro. Um sangue invisível, de corpos invisíveis de vidas desaparecidas e esquecidas.

E ninguém ali percebe. Todos querem apenas tocar Pedro, homenageá-lo, sorrirem para os flashes.

UTI de um grande hospital. Pereira, à beira da morte, repousa entubado, prisioneiro de máquinas que prolongam seus últimos respiros.

A respiração é rasa, quase inaudível. Os sinais vitais mal existem. Pequenos espasmos percorrem suas mãos, pálpebras e lábios ressecados, pálidos, imóveis.

Os olhos fechados se agitam embaixo das pálpebras — como se sonhassem, como se fugissem.

A UTI está vazia, esquecida, como se a própria vida já tivesse desistido dele. Marcia entra na UTI, vestida em um tecido branco translúcido e fino que escorre pelo seu corpo nu como névoa sobre água.

Ela brilha. Está deslumbrante e linda, uma doce, meiga e, ao mesmo tempo, uma sensual princesa, como Pereira se referia a ela.

Radiante, intocada, sem qualquer vestígio da violência que a marcou. Seus cabelos volumosos fluem com leveza. Seus seios, tão elogiados por Pereira, agora o encaram como testemunhas do seu fim.

Pereira parece vê-la. Parece sentir a sua presença. Sua respiração se acelera. Seu corpo antes inerte começa a tremer em convulsões. A morfina corre lentamente em veias estouradas, braços manchados, pescoço furado. Mas não há mais alívio. A linha vital se

apaga e a imagem de Marcia desaparece como um sopro de justiça no ar.

Um enfermeiro entra, observa o silêncio definitivo das máquinas e outros profissionais se aproximam. É o fim.

A antiga casa no sítio está vazia. Esquecida. Apodrecida pelo tempo. Ao lado, quatro covas marcadas pela terra revolvida guardam os corpos de Marisa, Marcos, Paulo e Carlos. Exceto uma que está aberta. À espera.

Marisa, Marcos, Paulo e Carlos caminham em silêncio por um vasto campo florido. Tudo floresce ao redor — árvores, frutas, cantos de pássaros e o vento que dança entre as folhas. A natureza celebra.

Ao longe, um violão dedilha uma melodia suave, tocada por um homem cego, sentado em um banquinho. Marcia está ao seu lado e aguarda com um sorriso singelo a chegada dos quatro companheiros, para o reencontro tão desejado. Os quatro companheiros se aproximam, atraídos pela música.

E ali, sob a luz dourada de um novo mundo, eles cantam e dançam a liberdade.

FIM.

Conheça outros títulos publicados pelo
autor, através do QR CODE.



@Todos os direitos reservados.

Brasil - 2025